

Berlim reconquistada

Otília Arantes

Berlim reconquistada

2003

A coleção **Sentimento da Dialética** é copyleft.

A coleção é organizada em **sete categorias e três subcoleções**, com diferentes tipologias documentais e formatos de arquivos:

Categorias: Filosofia; Política; Estética; Arquitetura e Cidades; Artes Plásticas; Crítica da Cultura e Trajetórias. Cada categoria adota uma cor específica aplicada na capa do e-book.

Subcoleções:

E-books: livros, capítulos, prefácios, artigos e entrevistas (em formatos PDF, EPUB e MOBI/Kindle) – com obras em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Documentos: matérias de jornal, fotos e documentos históricos (em formatos PDF e JPEG)

Mídia: vídeos ou áudios de palestras, aulas e debates (em formatos MP3 e MP4) associados a um canal da coleção no YouTube.

Coordenação editorial: Pedro Fiori Arantes

Projeto Gráfico: Paula Astiz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Arantes, Otilia Beatriz Fiori, 1940--

Berlim reconquistada [livro eletrônico] / Otilia Beatriz Fiori Arantes. -- São Paulo : [s.n], 2023.

ePUB. – (Coleção sentimento da dialética / coordenação Pedro Fiori Arantes)

ISBN 978-65-00-77503-7

1. Planejamento urbano – Alemanha - Berlim. 2. Renovação urbana – Alemanha - Berlim. I. Arantes, Pedro Fiori, 1974-. II. Título. III. Série.

CDD 307.76

Elaborado por Cristiane de Melo Shirayama – CRB 8/7610

DOI: <https://doi.org/10.34024/9786500775037>



Esta obra tem licença Creative Commons internacional 4.0

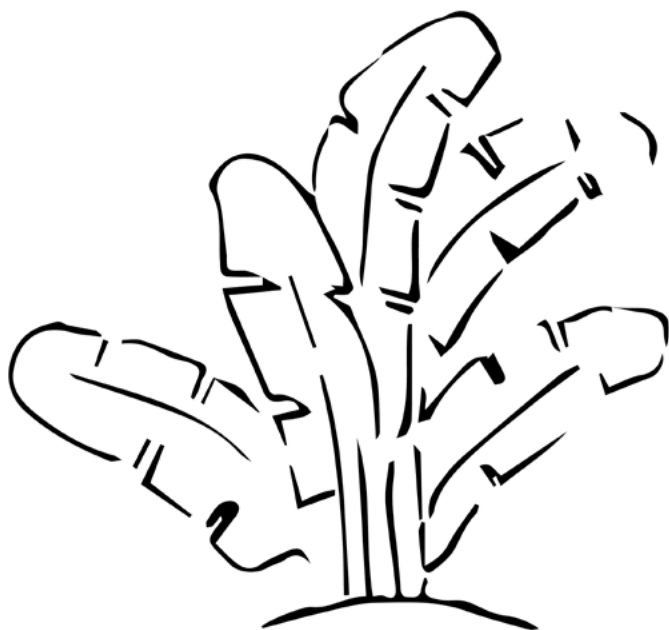
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Publicado originalmente em:

Revista *Espaço & Debates*, 43-44, São Paulo: NERU e Annablume, 2003, pp. 28-50; incluído no livro *Berlim, Barcelona, duas imagens estratégicas*, da mesma editora, em 2012/13. Aqui publicado em versão revisada e com notas atualizadas.

Sentimento da Dialética

UM ENCONTRO COM A OBRA DE OTÍLIA E PAULO ARANTES





Tarsila do Amaral. *Paisagem antropofágica - I*, 1929 c – lápis s/ papel, 18,0 x 22,9 cm. Coleção Mário de Andrade. Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros USP. Reprodução gentilmente cedida pela família e IEB USP.

O novo tempo do mundo exige dos intelectuais responsabilidades que lhes são intrínsecas: a de tornar a força das ideias parte do movimento de entendimento e transformação do mundo. Os filósofos Otília Beatriz Fiori Arantes e Paulo Eduardo Arantes cumprem, juntos, há mais de 50 anos, a tarefa da crítica como intelectuais públicos atuantes, transitando entre diversas áreas das humanidades e da cultura, em diferentes audiências e espaços de formação. A coleção [Sentimento da Dialética](#) é um lugar de encontro com a obra de Otília e Paulo Arantes e reafirma o sentido coletivo da sua produção intelectual, reunida e editada em livros digitais gratuitos. É um encontro da sua obra com um público cada vez mais amplo, plural e popular, formado por estudantes e novos intelectuais e ativistas brasileiros. É também um encontro da sua obra com o movimento contemporâneo em defesa do conhecimento livre e desmercantilizado, na produção do comum e de um outro mundo possível.

Berlim reconquistada: Falsa mistura e outras miragens

I

- 11 **Ainda o pensamento único das cidades**
15 **De volta a Berlim**
23 **Variações sobre a nova urbanidade**
26 **Fast Food/Nouvelle Cuisine**

II

- 33 **Potsdamer Platz: microcidade-evento**
45 **Berlim uma Kulturwelstadt?**

III

- 59 **Do sonho à realidade**
68 **Antecedentes**
74 **Contradições?**
79 **Dilema capital**
84 **Post-scriptum**
- 86 **Breve roteiro bibliográfico de Berlim**



Cúpula do Reichstag, Arq. Norman Foster

Berlim reconquistada Falsa mistura e outras miragens*

I

Ainda o pensamento único das cidades

O pensamento único das cidades¹ não sobreviveria por muito tempo ao seu próprio vazio se a cada temporada não atualizasse seu repertório com alguma nova receita de salvação urbana. Ao que parece, uma das últimas palavras de ordem redentoras na virada deste século atende pelo nome de *mistura social*. E correspondente mistura de funções na cidade. *Mix*, para os anglo-americanos; *mixité*, para os franceses; e *Mischung* para os alemães – de que modo, logo veremos a propósito de Berlim.

Seguindo a receita, durante a campanha eleitoral para a Prefeitura de Paris, na primavera de 2001, a *mixité* – entendida como a procura de uma dosagem social

* Trata-se de uma versão, um pouco modificada, de um ensaio de mesmo título publicado em *Espaço & Debates*, 43-44, São Paulo: NERU e Annablume, 2003, pp. 28-50; incluído no livro *Berlim, Barcelona, duas imagens estratégicas*, da mesma editora, em 2012/13. Revisado e com notas atualizadas para esta edição.

1. Há alguns anos venho recorrendo a essa fórmula para salientar dois traços expressivos da condição urbana contemporânea: primeiro, a naturalidade com que se encara hoje em dia a fusão entre os interesses econômicos da “cultura” e as alegações culturais do comando econômico, convergência requerida em princípio pelo acirramento da feroz competição entre as cidades do sistema mundial pelo acesso aos financiamentos cada vez mais escassos; segundo, a mesma naturalidade com que tal visão estratégica é compartilhada pelos administradores de turno, não importa quais sejam as eventuais preferências políticas dos envolvidos. Cf. por exemplo a conclusão de meu ensaio “Uma estratégia fatal. A cultura nas novas gestões urbanas”, em Otilia Arantes, Carlos Vainer e Erminia Maricato, *A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos*, Petrópolis: Vozes, 2000.

ótima para a cidade – encabeçava a lista das prioridades de quase todos os candidatos². Curiosa unanimidade em torno de uma bandeira de resistência aos processos de segregação urbana, discriminação de classe e conseqüente degradação de regiões inteiras, os bairros “sensíveis”, no eufemismo francês. Outra ocorrência característica dessa miscelânea ideológica: na mesma época, Tony Blair encomenda a um membro insigne do *star system*, o arquiteto Lord Richard Rogers, a constituição de uma Força Tarefa Urbana que teria por missão nada mais nada menos do que uma *Urban Renaissance* das cidades inglesas. Não por acaso, o relatório redigido pelo arquiteto recomendava antes de tudo que uma tal renovação urbana refletisse algo como um desejo básico de que se formassem *mixed communities*, apresentadas como um dos ingredientes essenciais da excelência do desenho urbano. Quer dizer, entre outras providências, como inventar “belos” espaços propícios a uma maior “coesão social”, desenvolver políticas habitacionais (inexistentes desde o governo de Margaret Thatcher) de modo a criar bairros em que a diferença entre habitação social e de mercado fosse de algum modo desarmada. O mesmo programa, então gerido pelo próprio Rogers, foi adotado pelo primeiro prefeito eleito de Londres (considerado “vermelho” para os padrões britânicos), convidado, por sua vez, a encarar a mistura arquitetônica como o cenário indutor de um enriquecimento equivalente das relações sociais, sem falar é claro na exuberância futura da “máquina de crescimento” a ser posta em movimento³.

2. Cf. *Mouvements*, nº13, Paris, jan/fev 2001.

3. Cf. *Towards an Urban Renaissance. Final Report of the Urban Task Force Chaired by Lord Rogers Riverside*, Urban Task Force, Londres, 1999.

A essa pequena, porém significativa, amostra oficial, caberia certamente acrescentar as correspondentes “sugestões” a respeito que costumam pautar os pacotes urbanos dos organismos multilaterais. Sempre em nome da atenuação da crescente e assustadora polarização social das grandes concentrações urbanas. Dualização a ser represada por uma política “proativa” dita de mistura social, concebida por sua vez em termos predominantemente culturais, como logo adiante constataremos. Continuamos assim percorrendo a mesma via de mão única do “culturalismo de mercado” – na expressão que venho adotando para designar o que, há pelo menos duas décadas, é o horizonte a um tempo exclusivo e rebaixado de toda e qualquer gestão urbana que, ao romper, com razão, com o produtivismo dos modernos, acabou atrelando a produção da cidade aos imperativos do capitalismo de imagens. Como se há de recordar, tal ruptura deu-se sobretudo à esquerda, nos longínquos anos 70, na esteira das grandes reviravoltas antiautoritárias da década anterior. E, como sempre, o capitalismo acochado respondeu incorporando a crítica social e cultural, animada pela Grande Recusa daqueles tempos, ao seu novo espírito: hoje o capitalismo em rede, da acumulação flexível e do trabalho precarizado e desqualificado, não se constrange em falar a mesma língua da velha contestação, convenientemente traduzida para o jargão gerencial da transparência e do envolvimento criativo – do mais elementar enquadramento discipli-

Passados alguns anos, pode-se dizer que quase tudo acabou em letra-morta e agora o que conta é preparar-se para a Olimpíada de 2012, que trouxe finalmente o “desenvolvimento” urbano para o tão degradado leste. Sobre as cidades como “máquina de crescimento”, ver nosso texto citado acima, ou o capítulo sobre Barcelona, publicado no volume da ed. Annablume, junto com este ensaio.

nador da mão de obra recalcitrante à promoção em alta escala da imagem de uma cidade “à venda”⁴.

Pois então, como disse acima, o *mix* promocional dos dias de hoje entrou em cena como bandeira de resistência à proliferação das cidades duais, às quais uma certa esquerda urbanística contrapunha o projeto de uma cidade “plural”, em que a valorização da diversidade em todas as suas acepções relevantes fosse a expressão de uma real democratização da produção do espaço urbano. Ocorre que solidariedade e realização pessoal, ou qualquer outro convite à “participação”, são evocados hoje rotineiramente em não importa que iniciativa de gentrificação, aliás sem mais nenhuma inibição de se apresentar como tal. Sempre um *mix* providencial qualquer – um simples encontro de serviço, dependendo do cenário apropriado, pode passar por “integração social”, para escândalo do mais elementar bom senso sociológico – se encarregará de amalgamar num mesmo combate pela qualidade urbana, falando a mesma língua “interacionista”, partidários convictos de um urbanismo eficientemente atrelado às grandes máquinas de crescimento urbano e ativistas da gestão democrática das cidades, isto é, mais socialmente e arquitetonicamente “misturadas”. Digamos, em todo o caso, a favor destes últimos, que, ao total conhecimento de causa (ou cinismo) dos primeiros, correspondem, na atuação destes parceiros de empenho requalificador, motivações sociais indiscutíveis, embora, no mais das vezes, acompa-

4. Tema recorrente nos meus textos sobre urbanismo no período. (Aliás, diretamente sugerido no título “Vendo Cidades”, *Veredas* nº36, dez. de 1998, Rio de Janeiro, CCBB, pp.21-23. Reproduzido neste site em *Urbanismo em revista*. Traduzido e publicado em espanhol “Pasen y veán”, na revista *Punto de Vista* nº 66, Buenos Aires, abril de 2000, pp.16-19, traducción de Adrián Gorelik. Neste site, em *Cultura y coaliciones de poder y dinero en las nuevas gestiones urbanas*.)

nhadas de um maleável *mix* ideológico, flutuando assim com maior desenvoltura entre os dois polos do culturalismo de mercado, ele mesmo um *mix* de nascença.

De volta a Berlim

Não é a primeira vez que, ao refletir sobre os altos e baixos do atual fim de linha urbanístico-arquitetônico, me vi obrigada a passar por Berlim. Uma primeira visita, em fevereiro de 1991, resumiu-se, a rigor, a documentar o mostruário de estrelas pós-modernas que vinha a ser a solitária novidade projetual do lado ocidental nos anos 80. Mais precisamente a iniciativa da Prefeitura de Berlim (projetada para o aniversário da cidade, em 1987), na forma de uma grande exposição de arquitetura, que foi o IBA (Internationale Bauausstellung Berlin), e que justamente trouxe os maiores nomes da arquitetura mundial para projetar edifícios – no mais das vezes conjuntos residenciais – nas áreas abandonadas próximas a Kreuzberg (sem falar na restauração, comandada pelo S.T.E.R.N, de todo este bairro, até aquela década abandonado e, em sua maioria, squaterizado), ao *Check point* – especialmente na Friedrichstrasse –, às margens do Spree ou do Tiergarten, regiões quase desabitadas depois da guerra. Embora reatando com uma tradição de mostras deste tipo, que vinha da Bauhaus, e especialmente voltadas para a habitação, tratava-se antes de mais nada de uma vitrine da arrancada capitalista pouco antes da Queda do Muro. Uma *Strada Novissima*⁵ ao vivo, conceitualmente redundan-

5. Apenas para lembrar: trata-se de uma rua *sui generis* – a maior e mais polêmica exposição de arquitetura pós-moderna, apresentada na Bienal de Veneza de 1980, intitulada “A Presença do Passado” (Cf. a respeito “Arquitetura Simu-

te se confrontada com os originais “europeus” (apesar da recuperação de Kreuzberg – *step by step*, como se dizia – começar a ser vista como a Bolonha dos anos 80⁶), de resto demonstrando, no conjunto das iniciativas, ainda menor ou nenhuma coerência urbana, salvo pela manutenção dos blocos contínuos e dos gabaritos. Por sua vez, a reunificação era recente, e o novo ciclo urbanístico que o próximo retorno da capital anunciava, ainda incipiente. Assim sendo, nos estudos que comecei a publicar a seguir sobre o regresso dos arquitetos à cidade depois dos modernos, praticamente nada berlinense viria ao caso.



IBA: Conjunto residencial no Tiergarten. À esquerda, prédio do Arq. Hans Hollein. Ao fundo à direita, do Arq. Aldo Rossi

lada” em *O lugar da arquitetura depois dos Modernos*, São Paulo: EDUSP-Nobel, 1993. Neste site, em *Arquitetura simulada*).

6. Lembro que à época – anos 60 – Bolonha (também chamada de Bolonha vermelha) foi a grande Meca dos contextualistas de todos os quadrantes devido ao seu projeto de renovação do centro antigo, que respeitava não apenas a tipologia original, mas a população que aí morava.



IBA: Edifício-colagem à margem do Spree, Arq. Frei Otto



IBA: Edifício residencial na Friedrichstrasse, Arq. Peter Eisenman.



IBA: Fachada interna de um bloco residencial em Kreuzberg. Arqs. Heinrich e Inken Ballen



Rua de Kreuzberg restaurada, com prédio do Arq Álvaro Siza ao meio: “Bonjour Tristesse”

Menos de uma década depois, a reviravolta não poderia ser maior. Com mais de trezentos escritórios internacionais de arquitetura mobilizados, a “reconversão” da futura capital transformaria Berlim no maior canteiro de obras da Europa do final do século, mais precisamente na maior “empresa” arquitetônica e urbanística de que se tem memória, nas palavras entusiásticas do ultraliberal Vargas Llosa. E no foco de tudo, para variar, a celebração da Cultura como âncora privilegiada daquela verdadeira “reconquista” de Berlim. A revanche deveria ser exemplar, e a nova fronteira leste plenamente ocupada. A registrar: o comércio chique, os museus restaurados e as novas galerias de arte encontram-se, em sua maioria, na antiga Berlim-Leste. Nestas condições, agora sim vinha ao caso, e muito, que ao entrar no debate sobre o Planejamento Estratégico, sempre pela porta nada lateral da cultura, o capítulo berlinense fizesse parte do argumento geral⁷. Com a ressalva que não havia propriamente falando nenhum Planejamento Estratégico oficial (ao menos no sentido estrito em que vinha sendo empregado pelos urbanistas) na renovação de Berlim. E no entanto a fórmula era a mesma, não faltava nenhum dos ingredientes do atual modo de “fazer cidade”, é claro que na escala gigantesca de uma capital com ambições bem mais do que europeias: “megaprojetos emblemáticos; urbanismo acintosamente corporativo, nenhuma marca global ausente; gentrificações se

7. Novamente retomo aqui o meu texto “Gentrificação estratégica”, em *Berlim, Barcelona*, cit., cuja primeira versão foi publicada em “Cultura y coaliciones de poder y dinero en las nuevas gestiones urbanas”, em *Block* nº5, dec. 2000, CEAC, Universidad Torcuato di Tella, Buenos Aires, pp. 12-21. Reproduzida neste site em *Cultura y coaliciones de poder y dinero en las nuevas gestiones urbanas*.

alastrando por todo o canto; exibicionismo arquitetônico em grande estilo; parques museográficos; salas de espetáculos agrupadas em complexos multiservice de aparato” – e muita, muita “animação cultural” disponível para 24 horas de consumo. Isso escrito em meados de 2000, enquanto arrumava as malas para nova verificação *in loco*, em novembro do mesmo ano.

Acabei me deparando com a nova e enfática alegação da “cidade do pensamento único”, a *mistura* como a razão de ser em última instância da produção da nova urbanidade. E isto, depois de um mês em Paris ouvindo proclamações francesas em favor da *mixité*. Só que em Berlim a *Mischung* vinha de outras eras e estava se reapresentando com uma nova roupagem: e como o Planejamento Estratégico não era oficialmente assumido (tampouco em Paris), era a tal mistura que se apresentava na linha de frente, espécie de “suma” da nova marca de Berlim. Tratada como política de Estado, os promotores da “reconquista” de Berlim faziam da retomada daquela tradição local (pelo menos esta era a alegação) o ponto de honra da capital em reconstrução. A olho nu, entretanto, o tratamento dispensado aos trabalhadores emigrados, ou aos “desocupados” do Leste, sem falar nas expedições punitivas dos bandos de extrema direita, a política “interacionista” que se via era bem diversa. Igualmente desconcertante ao ser finalmente vista de perto por uma *outsider* brasileira, a imagem edificada e emblemática desse interacionismo social programático – a região em franco processo de reurbanização do complexo Potsdamer/Leipziger Platz – era de fato a de um *parque temático* encravado no coração de Berlim! Aliás o primeiro artigo que li no terreno, confirmava essa impressão inicial, e logo verifiquei que a observação era recorrente. Logo adiante dou a referência pois é

por esse prisma que pretendo principiar minha recapitulação – e já vou avisando que não é muito mais do que isso o presente guia (ou quase) alternativo de uma “praça” cuja exuberância arquitetônica só realça sua falsa condição de espaço público “misturado”.



Vista aérea simulada de Potsdamer Platz, Leipziger Platz

A bem da verdade histórica de minhas primeiras impressões daquele inusitado parque temático berlinense, preciso considerar que talvez elas tenham sido induzidas, obviamente à revelia, por ocasião de um debate no Instituto Goethe de São Paulo alguns meses antes, mais exatamente em junho de 2000, quando deu-se o seguinte desencontro, aliás muito produtivo: fui encarregada de comentar a exposição de um dos diretores da Bauhaus de Berlim, Prof. Walter Prigge, uma apologia muito desenvolvida das “cidades-evento”, como as chamava, com particular e intencional ênfase no caráter efêmero de tais configurações. Mas o que de fato estava defendendo eram os “espaços” que a matriz “parque temático” vinha gran-

do na América e Europa nos últimos tempos. A saber: conjuntos multiplex – essencialmente de lazer –, onde, a se ver, uma nova sociabilidade estava tomando forma. Ora, entre seus exemplares figurava com destaque justamente a nossa Potsdamer Platz, com as suas salas de cinema, teatro, shows, cassinos, hotéis, restaurantes, o muito badalado *mall* Arkaden, sem falar, é claro, nas habitações. E sobretudo nos escritórios: trata-se afinal de uma “iniciativa” das firmas Sony, Daimler-Benz e Brown-Bovery/ABB. (Só depois vim a saber que os berlinenses se referiam àquela microcidade-evento como Potsdamer Platz.) Os argumentos iam da defesa dos grandes projetos à diversidade, da sociabilidade “concentrada” do espaço adensado ao poder interativo do divertimento – algo como uma festa de feira em circuito fechado.

Respondendo, recorri à crítica de Francesco Indovina às “cidades-ocasionais”⁸. Não me referia, obviamente, à arquitetura precária *stricto sensu*, reciclável, ou o que seja, mas a microespaços, ou conjuntos arquitetônicos, no mais das vezes até bastante sólidos, quando não monumentais e, seria o caso de dizer, definitivos (ou com a pretensão de sê-lo). Na verdade, estava pensando em “ocasiões” que nada mais são do que “oportunidades” para se fazer negócios, em especial, com a própria cidade. Mas, antes de retomar este argumento, quero esclarecer que andamos todos falando, com uma conotação ora positiva ora negativa, de “acontecimentos” (sejam eles feiras ou olimpíadas, ou transferência de uma capital que necessita de um transplante de “coração”) na origem de tais proje-

8. “Os Grandes Acontecimentos e a Cidade Ocasional”, em *Lisbon: World expo 98. Projects*, Blau, 1996. Minha fala está reproduzida em “Cultura e transformação urbana”, Vera Pallamin (org.) *Cidade e Cultura – esfera pública e transformação urbana*, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

tos, tanto quanto de uma arquitetura que, nela mesma, é um “acontecimento” (que está lá para causar sensação – para ficarmos no dicionário), sem mencionar o caráter episódico ou efêmero do que ocorre em tais espaços, em geral todo o tipo de animação cultural: espetáculos (dos quais a arquitetura está longe de ser uma simples figurante), exposições disto ou daquilo (motos ou carros num edifício que se intitula museu, a esculturas em parques ou telas e painéis em shoppings) e mais todo tipo de entretenimento – consumo dia e noite, gastronomia, ecologia, obras de arte, objetos duráveis ou imagens virtuais, mas sobretudo o espetáculo mesmo da *civilidade*, seja lá o que isso queira dizer. Algumas vezes pode-se até morar, trabalhar e divertir-se nestas *edge-cities*, mesmo quando incrustadas numa cidade grande. As políticas dos enclaves metastáticos (benignos, obviamente), alavancas, motores etc., parecem ceder o passo às ilhas de felicidade, e “fraternidade”, como prometem seus idealizadores. Esta, em princípio, a coisa nova: não seriam mais redutos de uma elite isolada, mas os novos e verdadeiros “espaços públicos” – *open spaces* em todos os sentidos.

Variações sobre a nova urbanidade

À primeira vista, essa urbanidade miniaturizada faz lembrar algumas cidades artificiais americanas. O exemplo mais óbvio, inaugural, e matriz das demais, foi desde logo a cinquentenária Disneylândia, além da Disney World, com seu EPCOT Center – Experimental Prototype Community of Tomorrow – e suas réplicas mundo afora. Hoje podemos

falar nas Disney's, sobre as quais já se escreveu à exaustão⁹. À época, aparentemente, um fenômeno típico americano e, no entanto, no mundo “globalizado”, pós-moderno, alçado a ideal das cidades (ao menos para alguns, como o Prof. Prigge), espaços urbanos que estão se transformando, por seu turno, cada vez mais em parques temáticos. Aliás, não estou sendo original nesta aproximação, também sobre isso muito se falou, a começar pelo crítico alemão, citado páginas atrás, Werner Sewing, lido *in loco* como disse e surpreendentemente numa destas publicações bilingues para turistas, em geral apologéticas, a quem ocorreu a mesma associação para caracterizar o pequeno mundo da Potsdamer Platz – tomada aqui como exemplar desta nova urbanidade que começa a tomar conta das cidades, ao menos daquelas em vias de transformação, ou ainda das chamadas “novas cidades” –, num artigo intitulado “Heart, Artificial Heart, or Theme Park?” que encerra com a seguinte tirada: “Let’s ask Disney”¹⁰.

Não custa lembrar um fato – referido por Sharon Zukin em seu *Landscapes of Power*, ao comprovar que vários sho-

9. Objeto de quase todos os autores que se detiveram na questão da pós-modernidade, com destaque para os trabalhos de Baudrillard, *Simulacres et Simulation*, Paris: Galilée, 1981 e Umberto Eco, *Viagem na irrealidade cotidiana*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. Dentre os autores americanos, os estudos de Sharon Zukin, aos quais logo nos referiremos.

10. Em *Der Potsdamer Platz, urban architecture for a new Berlin – Urbane Architektur für das neue Berlin*, Berlim, ed. Jovis, 2000, pp. 47-58. Cf. nessa mesma direção o texto recente (1999) de Saskia Sassen e Frank Roost “A Cidade: local estratégico para a indústria global do entretenimento” (publicado na revista *Espaço e Debates* n° 41, SP, 2001, trad. de José Tavares Correia de Lira e Sarah Feldman – pp. 66-74), onde as cidades são apresentadas como parques temáticos, tomando como exemplo as iniciativas da Walt Disney Company. O texto, do qual só tomei conhecimento depois de ter escrito o presente ensaio – o que me fez poupar (ao menos nas versões subsequentes) a exposição por extenso dos argumentos e passar a citá-lo –, coincidentemente analisa os processos e fusões na origem do atual impulso da indústria do entretenimento e sua função nas “estratégias dos planejadores do remanejamento econômico e urbano”, em especial na “requalificação” da Times Square, mas cita também Potsdamer Platz, sobre a qual Roost estaria preparando, na ocasião, um estudo.

ppings malls de centros urbanos americanos basearam-se na mesma manipulação da memória e do consumo coletivo efetuado pela Disneylândia –, a saber, que James Rose, o famoso empreendedor imobiliário responsável por Faneuil Hill, Inner Harbor e South Street Sea Port, numa conferência de 1963, na Harvard University, referiu-se a Walt Disney, elogiando-o como um “planejador urbano”. Afinal, diz ela, foi o primeiro a extrair e isolar o desejo de segurança entranhado no vernacular e projetá-lo numa paisagem coerente de poder “corporativo”¹¹.



Praça interna do Sony Center na Potsdamer Platz

11. Em *Landscapes of Power*, University of California Press, 1991, pp. 230 e 232.

Tudo indica que a multiplicação de parques temáticos pelo mundo todo obedeceria a esta mesma lógica. E que os novos enclaves urbanos – no começo eram apenas *shoppings malls*, lugares resguardados de consumo –, estão se tornando cada vez mais complexos, *misturando* no mesmo espaço toda sorte de atividades, no mais das vezes puxadas pelos equipamentos culturais, hoje liderados pelas salas multiplex de cinema. “Lugares”, tais espaços “misturados”, onde em princípio se pode morar (flats para todos os gostos), trabalhar, divertir-se, e conviver, em tese, com toda sorte de gente. Um verdadeiro “laboratório” de novas formas urbanas e de sociabilidade, nas quais descontração e segurança policiada caminham de mãos dadas. E é justamente essa *contaminação* que está nos interessando desvendar, enfim, o que sejam as ditas “misturas” urbanas, começando pelo caso específico berlinense. Mas, antes, talvez seja necessária uma pequena digressão sobre o modelo em questão.

Fast Food/Nouvelle Cuisine

A receita é bastante conhecida e de origem americana. Mas não se restringe à uma mera encenação apologética do *american way of life*, como num filme hollywoodiano padrão. Já uma primeira novidade consiste em propor tal modo de vida como um artigo a ser consumido no ato e não apenas “contemplado”. A inovação substantiva porém – como mostra Sharon Zukin –, deriva da exibição nesses espaços, funcionando ao vivo como numa planta industrial, de toda uma maneira inédita de se conceber a produção capitalista, especialmente no que diz respeito às indústrias de serviço. O que confere ao conjunto a

força coercitiva de um novo paradigma¹². Não por acaso os argumentos alegados pelos europeus – leia-se investidores – para a implantação da controvertida Eurodisney baseiam-se, segundo os promotores dos negócios da diversão, numa “filosofia empresarial” modelar: o fato de apresentar-se, cifras na mão, como uma “indústria séria”. Na recapitulação de Marie Eyssard e Bernard Rochette (casualmente numa publicação do Parque de la Villette)¹³: uma indústria do imaginário organizada como a mais eficiente das indústrias, em que todos obedecem sorridentes a uma engrenagem em que o trabalho comparece disfarçado de “animação”, e em que todos se sentem, mesmo o mais humilde catador de pontas de cigarro, como personagens de um espetáculo multidimensional. Isto é, em que o pessoal técnico obedece a uma organização e a uma vontade de tipo empresarial, em que “a alegria deva ser a norma” – do ambiente de trabalho de uma “família exemplar” ao de uma “cidade ideal”. *Feel! Marvel! Buy!*¹⁴ – esta, a palavra de ordem no *funny* capitalismo (a que voltaremos), o segredo enfim dos negócios, num mundo dominado cada vez mais pelo turismo e pela indústria do entretenimento. O que faz da Disney não apenas o protótipo de parques que parecem dar espetacularmente certo, mas também de cidades que pretendem atrair turismo e investimentos – uma coisa já não vai mais sem a outra, dadas as altas cifras que a indústria do turismo passou a mo-

12. Remeto o leitor diretamente ao capítulo do livro *The Cultures of Cities: “Learnig from Disney World”*.

13. *Des Mondes inventés. Les parcs à thème*, Paris: Éditions de La Villette, 1991.

14. Cf. a respeito Sharon Zukin, *Landscapes of Power*, cit., p.228.

bilizar¹⁵. Aliás, não se pode esquecer que o turismo ocupa hoje o primeiro lugar na balança comercial francesa, tanto quanto de vários outros países; e que, não por acaso, os grandes grupos econômicos estão financiando, implantando e por vezes gerindo, esses parques – a começar pelas grandes empreiteiras que vêm progressivamente investindo em comunicação: elas ao mesmo tempo fazem cidades, redistribuem fluxos e geram imagens¹⁶.

George Ritzer – sociólogo americano e um dos principais formuladores da tese da McDonaldização do mundo – propõe ainda uma variante suplementar e não menos incisiva, a McDisneyzação da indústria turística: cruzeiros, parques, cassinos, shoppings, teriam se transformado progressivamente em parques de diversão, segundo o modelo Disney, numa mistura à McDonald’s de uma linha de produção “racional” – fordista e taylorista, padronizada, ao mesmo tempo em que terceiriza serviços e recorre a trabalho altamente flexibilizado –, com um consumo que obedece aos novos padrões da sociedade de massa pós-moderna. Assim, se os “pacotes” oferecidos por estes parques e por toda a indústria turística que os alimenta precisam se diversificar cada vez mais (aparentemente o oposto do que ocorre com os McDonald’s), obedecem, no entanto, na mesma proporção, a idênticas regras de consumo,

15. Cf. Sassen e Roost, *op.cit.*

16. *Des Mondes inventés*, pp. 117-118. À época nossos autores davam como exemplo revelador, depois multiplicado exponencialmente, a estratégia adotada pela mais tradicional empresa francesa de construção, a Buygues: “enquanto candidata-se a construir um parque na Inglaterra (Corby), se associa à IBM para fazer prédios inteligentes, tomador da TFl, acionário majoritário da SLEC de Saint-Quentin-en-Yvelines, e que se orienta para as telecomunicações, publicidade, tele-shopping e cinema, em sociedade com a CIBY 2000, igualmente implantada em Hollywood.”

onde nenhum desvio pode acontecer: altamente eficiente, controlado e calculável. Na verdade, é mais um fenômeno a comprovar a curiosa dualidade de um mundo que, na superfície, se apresenta extremamente ordenado e civilizado, dualidade aliás que se reduplica na necessidade de consumir simultaneamente concretude e ficção, diversidade e repetição, eficiência e imprevisibilidade, novidade e familiaridade, autenticidade e simulação, e assim por diante¹⁷.

A abordagem de Ritzer segue em parte os argumentos de Sharon Zukin, à qual volto, em especial ao último capítulo do livro *Landscapes of Power* – “Moral Landscapes” – onde a questão apontada como central para a reflexão sobre a nova espacialidade urbana é justamente a da relação entre a organização do consumo e a da produção: como se articulam na nova ordem urbana – e, conseqüentemente também, na produção e consumo do espaço da cidade –, numa época em que aparentemente o comando da economia está com o consumo, em especial através das estratégias que visam o consumo visual. Para a autora, seria um equívoco imaginar que o fato de esconder a força de trabalho (coisa que acontece nos Estados Unidos desde os anos 20) sugira algum tipo de descaso pelo aprimoramento tecnológico e da produção – ao contrário, “um incremento do modo reflexivo de consumo exige um modo maior de autoconsciência da produção”, donde a sofisticação do design, da arquitetura e outras coisas mais, ou seja, a competitividade e a eficiência no consumo dependem da estruturação da produção. Ironicamente, algo como lembrar, por exemplo, que o consumo de drogas está

17. Cf. em especial George Ritzer, *The McDonaldization Thesis*, Londres: Sage, 1998, cap. “The new means of Consumption”, pp. 117-173.

articulado à economia de subsistência e à divisão étnica do trabalho tanto no Terceiro Mundo como em Miami. Enfim, uma análise do consumo exclusivamente em termos simbólicos acaba por ignorar sua relevância para as transformações estruturais¹⁸. A partir desta constatação, a autora devolve a palavra a David Harvey, e à sua análise minuciosa dos reflexos desta “articulação” no capitalismo “desorganizado” ou flexível no espaço urbano fragmentário, em *Condição Pós-Moderna*. Desnecessário recapitulá-lo aqui, mas não há como não relembrar, como o faz a própria Sharon Zukin, que o consumo visual (ou cultural), é uma dimensão do capitalismo contemporâneo altamente planejada (na qual seguramente permanecem resíduos fordistas como quer o autor da tese da McDonaldisação do mundo), seguindo estratégias que induzem ao consumo “seletivo” do espaço e do tempo¹⁹ e geram os famigerados processos de “requalificação” urbana, entendamos, de gentrificação e conseqüente segregação social²⁰. Também esta, acrescentemos, evidentemente tão escondida

18. *Landscapes of Power*, cit., pp. 259-260. Cf. a propósito também “Aprendendo com a Disney World” (publicado em *Espaço e Debates*, 43-44. cit. pp. 11-27). Seria o caso de voltar a citar aqui o artigo de Sassen e Roost, em especial no subcapítulo “As cidades como produto de entretenimento”: “As estruturas econômicas e espaciais da indústria do entretenimento demandam cada vez mais funções específicas proporcionadas pelas cidades. As cidades globais, em particular, estão emergindo como locais estratégicos para ambos, o consumo e a produção. As necessidades de produção e *marketing* da indústria do entretenimento resultam em uma reformulação da cidade global como uma Meca turística em escala jamais imaginada. [...] Além disso, a cultura urbana se torna um objeto exótico de turismo, crescentemente mediado pela indústria do entretenimento. Tal resultado solapa antigas distinções entre locais de produção e locais de consumo, traço em toda parte característica do turismo urbano” (pp.72-73).

19. Cf. *Landscapes of Power*, p. 259, cap. cit., em especial o subcapítulo “Disney World: The Power of Facade/ The Facade of Power”.

20. Ver novamente Sassen e Roost sobre a requalificação da Times Square, *op. cit.* pp. 73-74.

quanto os bastidores da produção – aliás convergentes, tanto do ponto de vista social quanto espacial. Segregação “exorcizada” (como diria Baudrillard), neste postiço mundo da sociabilidade cordial, por assim dizer ficcionalizada (todo mundo segue um *script*), pelos serviços de última geração de nossas cidades cada vez mais “produzidas”, inclusive na acepção *fashion* do termo. Como se sabe, o que se está a consumir é antes de tudo um modo de vida – *clean*, *cool*, *smiling* – a aparência cordial que deve escamotear, aos olhos do visitante (turista ou morador, visto que todos passamos a consumir as nossas próprias cidades, ou o próprio consumo que elas nos propiciam), sob a fachada de um *splendid new world*, o lado *ugly* e *dark* da violência, da pobreza e do trabalho precarizado.

Mas antes de encerrar esta digressão, volto aos nossos autores franceses e ao argumento premonitório deles, enunciado há dez anos atrás. Não é a primeira vez que uma estratégia americana faz a travessia do Atlântico e reencontra sua verdade mais profunda na França, sendo então reexportada para o resto do mundo como uma fórmula de sucesso. Foi o caso da cidade como máquina empresarial de crescimento, concepção americana que a França dos Grandes Projetos da Era Mitterrand assimilou, reinventou e vendeu como uma máquina cultural de crescimento, justamente porque acabara de descobrir o “cultural” como política de Estado em tempos de crise e desmanche social²¹. Não seria justo, portanto, concluir – coisa que de resto nossos autores evitam fazer – que nessa

21. Tema do meu ensaio já citado anteriormente: “Uma estratégia fatal”, em *op.cit.* Ver também “Os dois lados da arquitetura francesa pós-Beaubourg”, em *O lugar da arquitetura depois dos Modernos cit.* (Neste site em *Arquitetura francesa, dois tempos*)

outra travessia do Atlântico, cumprida agora pelos parques temáticos americanos, os empreendedores franceses se limitassem a copiá-los ou apenas adicionassem algo como um tempero local, no caso, a “animação cultural” – outro produto original francês – que se acrescentou a esses fragmentos urbanos. Não se trata apenas disto: um mero *upgrading* sublimando a compulsão neoconsumista recém-adquirida no plano superior da cultura. Não é bem assim. Já as fachadas ostensivamente midiáticas daqueles Grandes Projetos davam a entender o quanto o novo establishment francês estava operando com conhecimento de causa nessa área inédita de convergência entre eficiência econômica glamourizada e cultura como investimento de ponta. Resultou de fato num híbrido que depois se alastraria mundo afora: cidades da ciência ou das artes como parques temáticos e vice-versa, sobretudo vice-versa – parques-malls sobrecarregados de intenções pedagógico-científicas. Um engodo de massas, mas um achado. Na conclusão de nossos autores: “a internacionalização do parque temático se faz acompanhar pela vernacularização dos temas emprestados à cultura, mas a caução científica dos experts vem sempre garantir que os modos de transmissão ‘à maneira de Disney’ não invalidem a autenticidade da mensagem. É a homenagem que a virtude pedagógica rende ao vício comercial”²². Relembro, todavia, que se trata de algo mais do que simples casamento entre pedagogia e comércio, mas de uma sábia dosagem francesa de espetáculo iluminista da cultura irradiando seus benefícios civilizatórios, porém encenado num palco Disneyzado, quer dizer, no espaço capitalista por excelência nos tempos que correm – e sem curto-cir-

22. Des Mondes inventés, cit., pp. 105-111.

cuito, como se um EPCOT cultural fosse a coisa mais natural do mundo. Digamos que o capítulo francês seja um caso exemplar de *mixité idéologique*, parques culturais mcdonaldizados, aos quais delega poderes de paradigma urbano, justamente por ostentarem uma vistosa âncora cultural. E como sabemos, parques tendem a ser muito misturados, em princípio. Resta verificar suas ambições urbanas variando agora o contexto, porém mantendo a estrutura original. Voltemos a Berlim.

II

Potsdamer Platz: microcidade-evento

Como se viu, não foi nem um pouco por acaso que escolhemos o mais atual e chamativo conjunto berlinense – Potsdamer/Leipziger Platz. Trata-se da aplicação mais enfática e escancarada deste novo modelo urbano. E obedecendo, por acréscimo, ao novo princípio da *Mischung*, reciclada do ponto de vista arquitetônico-funcional, simbólico e social. Uma microcidade-síntese da nova Berlim unificada? Para entender o significado e as implicações deste grande “empreendimento” talvez valha a pena recapitular brevemente como ele se deu, reconstituindo um pouco de sua história²³.

23. Para a reconstituição dos dados históricos que se seguem baseio-me principalmente no texto de Hans Wilderotter, “Outside Potsdam gate”, em *Der Potsdamer Platz* cit., pp.9-27.



Potsdamer Platz nos anos 1930

Trata-se de uma região berlinense com uma certa tradição, nem sempre muito nobre – como veremos. Recuando no tempo: desde os séculos XVIII e XIX, na expansão da cidade para além de suas muralhas, a oeste, foi se configurando como um lugar de vilegiatura e, posteriormente, de residências de uma certa elite, em especial, de altos funcionários do governo. Hotéis famosos, entre os quais o Bellevue e, o mais conhecido de todos, o Hotel Esplanade (hoje, parcialmente restaurado no interior do conjunto da Sony), cafés, com destaque para o Josty, mais tarde o Picadilly; casas de degustação de vinho, como a Weinhaus Rheingold (clara alusão wagneriana, aliás pre-

sente também na decoração), bem ao lado do Esplanada. E obviamente cervejarias. Quando em 1910-11 foi construída a Potsdamer Bahnhof, o turismo se intensificou e, após a guerra, o Haus und Café Vaterland podia oferecer, a quem chegasse pela estação, a reconstituição de uma série de ambientes folclóricos: paisagem do Reno, taverna espanhola, casa de vinho austríaco, vilarejo húngaro, café turco, entre outras atrações. Potsdamer Platz, em si mesma, não era mais do que um *carrefour*, onde se cruzavam pessoas, carruagens e, depois, carros. Os berlinenses orgulhavam-se de poder exibir ali, num poste de 8 metros de altura, a primeira iluminação noturna para veículos da Europa. No final dos anos 20, o tráfego berlinense, em especial no largo em frente à estação, era considerado superiormente intenso comparável ao de qualquer outra metrópole. A modernização haveria de trazer as Galeries Lafayette para o lugar do Hotel Bellevue (num projeto “moderno” de Erich Mendelssohn), mas as negociações com a firma francesa fracassaram e acabou virando a inexpressiva Columbus-Haus. A partir de 1933 tudo mudou, a sede da Corte do Povo tornou-se o centro do nazismo, responsável pelo maior número de sentenças de morte do regime, também chamado de “quarteirão central da eutanásia”. Parcialmente destruída para dar lugar aos planos megalômanos de Speer, Potsdamer/Leipziger Platz acabou totalmente devastada pela guerra. Apesar de tudo, as ruínas lá estavam, mas aos poucos foram sendo derrubadas e incendiadas durante os confrontos que acabaram levantando o Muro, em 1961, dividindo de vez a área.



Postamer Platz cindida pelo muro

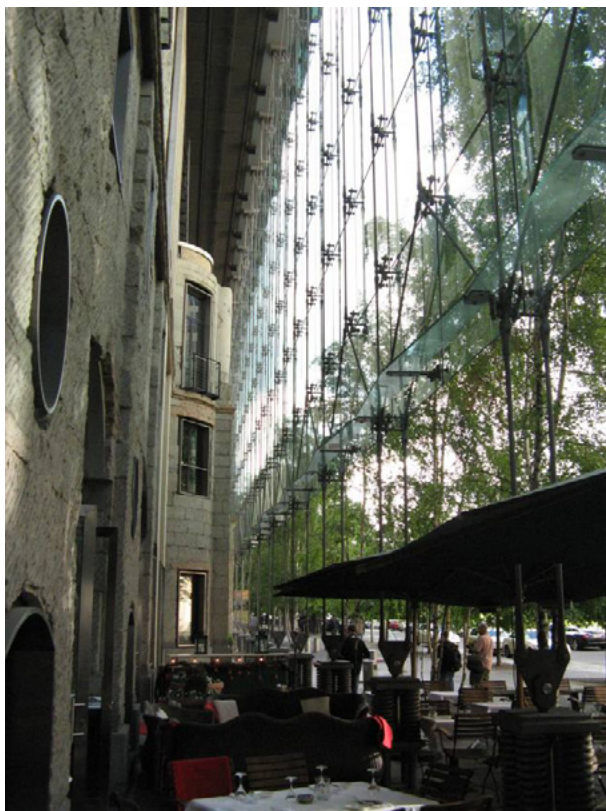
Restos do Esplanada e da Weinehaus Huth permanecem no novo conjunto, batizado agora de Potsdamer Platz, como tênues fios que o associam aquele passado histórico de pré-guerra. Há, contudo, algo mais nesta arquitetura tão pouco berlinense. De um certo modo alguma coisa da tradição do lugar foi retomada. Após a queda do muro, toda a região foi considerada um espaço estratégico de intervenção, mais do que todas as outras áreas (Friedrichstrasse, Unter den Linden, Parizer Platz, Alexander Platz, Centro Administrativo, Ilha dos Museus), ali deveria ser implantado o grande símbolo da nova Berlim moderna e unificada, não só retomando a antiga animação do lo-

cal, mas aparecendo como um *headquarter* – capaz de atrair grandes empresas multinacionais, aliás, como se viu, todo o conjunto foi entregue à Daimler-Benz (que já havia sido cogitada antes de 89), à Sony e à Brown-Bovery, por um preço, diga-se de passagem, irrisório se compararmos com o entorno, chegando a algo correspondente a 1/10 do valor dos terrenos, em especial da Unter den Linden (a Daimler Benz, que chegou primeiro, teria pago a metade do custo do m² pago pela Sony e algo em torno de ¼ do que pagou a HBB pelo trecho comprado à Prefeitura, o resto do terreno desta última sendo resultado de uma compra subavaliada de algumas residências no local); isto, sem contar o aumento acentuado de potencial construtivo: 700.000m², afora as plantas subterrâneas. A previsão dos custos 8 bilhões de marcos seria acrescido de uma contrapartida estatal nada desprezível, de 5 bilhões de infraestrutura!²⁴ Tudo em nome da construção de um “lugar” que não apenas estabeleceria o elo entre as duas Berlins, mas que representaria para o resto do mundo a nova imagem de Berlim como grande centro de negócios, sediando em particular o coração de todo o terciário avançado, como as demais *Global Cities*²⁵. Talvez nada disso

24. Os dados são de Carlos Garcia Vázquez em *Berlin-Potsdamer Platz, Metrópoli y arquitectura en transición*, Barcelona, Fundación Casa de Arquitectos, 2000, p.203. Este livro, lido por mim quando de minha estadia em Barcelona em 2004, traz informações e avaliações muito semelhantes às minhas, vindo confirmar minhas impressões da primeira hora. Por isto mesmo estou acrescentando este título ao meu breve roteiro bibliográfico final.

25. À época havia uma verdadeira corrida das grandes e médias cidades para serem incluídas – dada a relevância que passaram a ter com o processo de “globalização” – entre as ditas “cidades globais”, ou seja, entre aquelas que sediam o comando do processo econômico mundial (ou mesmo regional), em especial dos altos serviços do terciário avançado, cultura incluída (na definição, por exemplo, de Saskia Sassen, mas que acabou congelada e transformando-se num receituário, desvirtuando seu sentido original. Ver *The Global City*, New York, London, Tokio: Princeton University Press, 1991).

se viabilize, logo diremos porquê, mas a operação estava lançada. Toda a política do IBA ia por água abaixo, tanto quanto a intenção da administração de Berlim de manter o desenho e os gabaritos da cidade. Tratava-se de criar uma *plaque tournante* entre o leste e o oeste – de Berlim, da Alemanha e da Europa.



Parte do Hotel Esplanada no interior do Sony Center,
no conjunto da Daimler-Benz



Haus Huth, também no conjunto Daimler-Benz

Logo após a “emancipação”, por iniciativa de alguns jornalistas do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, foram encomendados textos e projetos para essa região central de Berlim. Colaboraram 17 arquitetos renomados, cujas propostas foram recolhidas por Vittorio Magnano Lampugnani numa exposição no Museu de Arquitetura de Frankfurt. Havia para todos os gostos. A megalomania de alguns arquitetos levou-os a projetarem imensas torres, de até 250 metros, como foi o caso de Kleihues, ou os arranha-céus de Kollhoff (com certeza os dois escritórios alemães mais “atuantes” no futuro próximo...). A reação foi imediata: gestos gratuitos, meramente artísticos, arquitetura pós-moderna, frívola, etc. Mas, sobretudo – alegavam os descontentes – pouco berlinense. Em julho de 1990 o “Grupo 9 de dezembro” publicou uma “Carta do centro de Berlim”, reivindicando pequenos lotes, *mistura de funções*, diversidade social e ecologia urbana. Mas o dissenso entre os arquitetos e o poder central, apesar da mediação de um comissário es-

pecial do Senado²⁶ para a construção, não terminou por aí. Enquanto o Senado convocava (junho de 1991) um concurso internacional, as Associações alemã e berlinense de arquitetos organizavam um outro e expunham as propostas na Martin-Gropius-Bau. Finalmente o governo acabou por escolher, em outubro, o plano geral proposto por Hilmer e Sattler (de Munique). Novas críticas... a começar por um dos membros do júri: nada mais nada menos do que Rem Koolhaas que, em carta aberta, acusava o comissário do Senado, Stimann, de sucumbir a uma concepção urbana reacionária, provinciana e amadorística. Outros protestos se seguiram. Os representantes da Sony e da Daimler-Benz estavam insatisfeitos, achando que se tratava de um projeto à século XIX. Richard Rogers, um dos perdedores, chamou-os a Londres, juntamente com a ABB, e propôs um plano composto de uma *people's place*, blocos homogêneos em forma radial, culminando no alto com uma torre, túnel para o tráfego de automóveis, etc. Enfim, um projeto mais “arrojado” como se diz nesses meios, mas sem romper inteiramente com os códigos e o desenho urbano berlinense. Acusado de agir em interesse próprio, conseguiu a façanha de unir contra si arquitetos e políticos, e a Daimler partiu para um novo concurso, em setembro de 92, então, de projetos arquitetônicos, quando Piano e Kolbeck ganharam o primeiro prêmio, seguidos por Ungers, Isosaki, o próprio Rogers e Kollhoff, posteriormente integrados ao projeto (salvo Ungers, que se retirou), mais Moneo e Lauber/Wöhr. Quanto à Sony, de seu lado, convidou sete arquitetos a apresentarem projetos e acabou escolhendo o germano-americano Helmut Jhan. A Brown-Boveri optou por uma solução mais modesta, com blocos em forma de H ou U (numa reminiscência atenuada e certamente não

26. Câmara da Cidade.

intencional, ao menos por parte da ABB, dos conjuntos habitacionais do Leste), blocos de tijolos e altura média – não por acaso do arquiteto “neorracionalista” Giorgio Grassi –, como os demais, preferencialmente prédios de escritórios, e, em proporção bem menor, habitação, finalmente, espaços de lazer e cultura²⁷. Do projeto original de Hilmer e Sattler, no entanto, pouco restou.



- 1 - Sony Center (Helmut Jahn)
 2 - Escritórios (Kollhoff)
 3 - Escritórios (Renzo Piano/Kohlbecker)
 4, 5 - Escritórios (Richard Rogers)
 6 - Residências (Richard Rogers)
 7 - Banco de Berlim (Isozaki)
 8, 9, 10 - Residências (Renzo Piano/Kohlbecker)
 11 - Imax Cinema (Renzo Piano/Kohlbecker)
 12, 13 - Cassino e Music Hall (Renzo Piano/Kohlbecker)
 14, 15 - Hyatt Hotel e Escritórios (Rafael Moneo)
 16 - Residências e Escritórios (ABB)

Vista aérea da Potsdamer Platz.
 Principais edifícios e seus arquitetos indicados pela autora.

27. Cf. todos estes dados em Roland Enke, “Missed Opportunities?”, em *op. cit.*, pp.29-45. As informações principais encontram-se em quase todas as publicações especializadas.

A disputa em torno da construção deste pedaço de cidade pode dar a devida medida do que representa para a nova capital, ou, quem sabe, imaginam seus idealizadores que represente, mas sobretudo, obviamente, para os grandes negócios. Como disse alguém: ele agora faz parte da paisagem de Berlim e temos que conviver com ele, ou esforçar-nos por fazê-lo... Tudo ali parece obedecer à intenção de criar uma minicidade, com sua variedade de funções, de arquitetura e espaços: ruas, praças, espelhos d'água, etc. e, no entanto, tudo é monumental, espetacular, excessivo, pouco acolhedor. Tem-se a nítida sensação de que há um erro de escala e, quem sabe, de lugar. Por enquanto uma chamativa atração turística e grande parte dos espaços, totalmente ociosos, de escritórios ou residências. Na verdade, o que se discute é se de fato Berlim teria alguma chance de se transformar numa *Weltstadt*. Alguns analistas são categóricos a este respeito: não há como; ela jamais será uma sede privilegiada de serviços avançados ou um grande centro financeiro, concorrendo com outras cidades mais estratégicas da Europa, a começar, na própria Alemanha, por Frankfurt. Também não será o lugar escolhido pelas centrais das multinacionais, nem mesmo as majoritariamente alemãs. Pelo menos até agora nenhuma mudança significativa estaria ocorrendo nesta direção. Fala-se em um milhão de metros quadrados de escritórios ociosos²⁸.

28. Cf. Dieter Frick, "Pour une utilisation de la ville contemporaine comme support et modèle de l'urbanisme", em Gilles Duhem, Boris Grésillon e Dorothee Kohler (coord.), *Paris-Berlin, regards croisés*, Paris: Anthropos, 2000 (coll. Villes), p.174.



Prédios do Sony Center, Arq. Helmut Jahn



Prédio de escritórios, Arq. Hans Kollhoff

BERLIM RECONQUISTADA



Prédio do conjunto Daimler-Benz, Arq. Richard Rogers



Prédio misto, Arq. Renzo Piano

Berlim uma *Kulturwelstadt*?

Sempre sobra ser a imagem-símbolo da Alemanha ou um Centro Cultural privilegiado, europeu ou global – mas mesmo aí, do que se está de fato falando? Onde as luzes germânicas, o tão decantado Geist alemão? Sem falar na própria cultura material. Por exemplo, pouco sobrou da arquitetura áulica, ou tradicional – a guerra e a especulação imobiliária que se seguiu conseguiram transformar Berlim numa das mais feias cidades europeias! O novo surto “revitalizador” pedia uma quase reconstrução... O primeiro canteiro a surgir foi, portanto, o da cultura, num esforço concentrado de nobilitá-la: novos atores, institucionais e financeiros apareceram, novas personalidades foram nomeadas para as instituições veneráveis...²⁹ A olhos vistos, um superadensamento cultural, proporcionalmente à população: música (3 óperas, 8 orquestras sinfônicas, 881 coros e corais), teatro (uma centena, dos quais 25 subvencionados), pintura (em torno de 150 museus e galerias), mais de 150 cinemas. A oferta aumentou 40% após 1991 (evolução única na Europa). Ponto forte: teatro e música. Segundo guia recente haveria uns 300 teatros em Berlim, dos quais 50 a 100 com programação regular e contínua e mais de 500 grupos não ligados a salas de espetáculo fixas (uma especificidade berlinense – onde a cultura *off* sempre teve um grande desenvolvimento e prestígio, inclusive gozou sempre de subsídios,

29. Acrescentei ao texto original informações de um estudo mais atualizado de Boris Grésillon, *Berlin métropole culturelle*, Paris: Berlim, 2002, que aliás já devem estar também defasadas. (Os nomes e os números podem ter mudado quando desta reedição, mas certamente não interferem substancialmente nas tendências e avaliações aqui expostas.)

agora cada vez mais magros – voltaremos a este outro lado da *Hochkultur*). Seja Berenboim, na Staatsoper; Abbado, no auge de sua carreira, para a Filarmônica de Berlim; Castorf, antes mal visto (o *enfant-terrible* do teatro do leste alemão) como diretor do *Volksbühne*, juntamente com Kresnik, que contribui para uma espécie de renascimento do tradicional Teatro Popular, com espetáculos de dança; Ostermeier, ainda desconhecido, foi nomeado para o *Schaubühne*; e assim por diante. Tudo isso em busca de uma identidade cultural antes mesmo do que política ou econômica... Enquanto isto, os palcos e suas 3 casas de ópera vão acumulando enormes déficits – estimados, só na área da cultura, em algo entre 50 e 70 milhões de marcos anuais³⁰ – e não hão de ser os novos equipamentos midiáticos e seus festivais que lhe assegurarão o retorno esperado, nem mesmo na forma de Capital Cultural Mundial. Dificilmente Berlim conseguirá repetir a proeza de Paris, com uma cultura nacional centralizada e sedimentada há séculos, além do mais fustigada por uma concorrência que esta desconhece, com outras cidades alemãs de igual ou maior prestígio cultural no momento, como Munique e Hamburgo.

Enfim, tudo, inclusive as expectativas, parece ter sido superdimensionado na reforma da nova Capital, a começar pelo exemplo em que estamos nos detendo, Potsdamer Platz. Só para ficarmos na área cultural, seu Cine Imax ou as múltiplas salas de cinema que, segundo os críticos, só podem ser “animadas” pelo festival de Berlim, no resto do ano permanecem quase totalmente ociosas (além de provocarem o fechamento das demais salas da cidade, a começar pelas mais famosas, na *Kurfürstendamm*). A verdade é que, apesar das

30. Dados em *Carta Capital*, ano VIII, n.º 163, outubro de 2001, p.15. Cf. também as reportagens de L.A..Giron e Márcio Damasceno para a *Gazeta Mercantil* sobre a cultura e *Subkultur* em Berlim (22 de setembro de 2000).

altas subvenções do governo central, Berlim vai se endividando cada vez mais (e as cifras são inimagináveis), com os seus canteiros de obras que não cessam de se multiplicar.



Praça Marlene Dietrich



Acesso às salas de cinema na Potsdamer Platz



Imax, salss de cinema e outros atrativos

Ao mesmo tempo, na outra ponta: a cultura *underground*, que era uma das marcas de Berlim, inclusive pela situação que ocupava depois da guerra – uma verdadeira ilha no meio da Alemanha do Leste, para onde convergiam todos os out dos circuitos oficiais – não tem mais o lugar de destaque neste novo centro midiático e vai aos poucos sendo institucionalizada como atração turística ou então varrida do resto da cidade: museus reciclados, grandes mostras (como a Bienal), cafés e restaurantes incrementados, vão expulsando a boêmia transgressiva. Os cafés e espaços *cult* do antigo Mitte do Leste estão passando para as mãos de empreendedores. Prenzlauer Berg transformou-se num lugar chique! Só um exemplo: uma tradicional cervejaria virou um *Village*, com salas de cinema e outras atividades culturais. Da antiga fábrica, apenas a chaminé, sempre um objeto pitoresco num ambiente evidentemente midiático. Obviamente, como em todos estes novos equipamentos de *amusement*, não foram esqueci-

dos o Village café e um ponto sofisticado, o Leopold Wirtshaus. Seus frequentadores, como os de muitos dos bares e restaurantes à volta, quase todos com mesas nas calçadas (afinal as pessoas vão aí para verem e serem vistas), imaginam-se um tanto provincianamente em Greenwich ou no SoHo, ou ainda, na Paris existencialista do pós-guerra (o que não tem nada a ver com os hábitos da gélida Berlim). Ao mesmo tempo, as famosas Höffe de Rosenthaller e Sophienstrasse, antigamente equipadas com pequenos serviços para seus moradores, se converteram em bares e boutiques fashion, galerias, e tudo o mais, para os in, com direito a ambientes em néon colorido e decorações Jugendstil. Aparentemente, os grupos alternativos, especialmente as pequenas trupes teatrais, tiveram que emigrar para os bairros mais distantes.

Num certo sentido, a dependência das subvenções e recursos públicos – como acredita Grésillon (cujos passos passaremos a seguir de perto) – tem sido responsável pela reorganização do espaço geográfico e humano da cidade simultaneamente ao setor cultural³¹. Segundo informação do autor, o financiamento por parte da Prefeitura de Berlim para a cultura se estabilizou no final do século em 500 milhões de Euros, incluindo as igrejas, ou 380 milhões, nas atividades culturais propriamente ditas – sem dúvida, nas palavras do autor – “eldorado da cultura subvencionada” em relação às demais capitais europeias (embora inferior a outras cidades alemãs). A maior verba se destina às três salas de ópera, em seguida vêm os teatros, alguns dos quais se tornaram privados, embora tenham continuado dependentes de subvenções, como o Berliner Ensemble. O que não ocorre, obviamente, sem algum tipo

31. Em op. cit. pp. 146 e ss.

de interferência do Estado. Por exemplo, na constituição do corpo diretivo desse famoso teatro brechtiano foram nomeados cinco membros de diferentes tendências, entre eles Heiner Müller – que acabou, felizmente, se tornando o diretor de fato até sua morte – algo semelhante ocorreu com o *Volksbühne* (portanto, independência *pero no mucha...*). Finalmente, os museus. As demais instituições culturais – orquestras, bibliotecas, festivais, cinema – ou mesmo os artistas, são aquinhoados com uma proporção bem menor, tendo algumas delas se encerrado após 1990. O que dizer então da cultura off?



Berliner Ensemble, no antigo Leste

No entanto, a Prefeitura, cada vez mais endividada, continuava gastando acima de seus meios, seguramente à espera de um boom econômico que se mostrou uma miragem. A cidade acabou tendo que recorrer ao Estado central, que, depois de uma intervenção massiva no início da década, retrocede a partir de 1994 passando a responsabilidade toda para a Prefeitura. Um ano depois, contudo, o Estado é obrigado a ceder às pressões e destinar um pequeno fundo de 30 milhões de Euros anuais a Berlim, que se manteve até 1998, destinado às principais instituições³²: Staatsoper, Deutsche Oper, Deutsches Theater, Konzerthaus Berlin/Shauspielhaus, Orquestra filarmônica e, de maneira inesperada, a Casa das Culturas do Mundo e a renovação da Martin-Gropius-Bau. A partir de 1999 o Estado se dispôs a aumentar os recursos para 60 milhões de Euros, logo reduzidos para 50 milhões assim distribuídos: metade destinada às seis maiores instituições mencionadas acima, e a outra metade, a projetos culturais como os eventos de caráter internacional. A partir de 2000, o Estado federal se encarregará apenas do Museu judaico, da Casa das Culturas do Mundo, do centro Martin-Gropius-Bau e, obviamente, dos Festivais. Nitidamente a política do Estado era financiar a cultura de toda a Nação priorizando as atividades de interesse nacional (um conceito um pouco frouxo...) e deixar por conta das Prefeituras o resto dos encargos. E, no entanto, como observa nosso autor, a cultura representa em Berlim o fenômeno econômico mais dinâmico – aliás, não há como negar, um dos mais dinâmicos da cultura urbana em todo o mundo! Embora um setor modesto do ponto de vista de empregos, seus efeitos se fazem sentir sobre o resto da economia pelo

32. Dados também extraídos do livro de Boris Grésillon, citado acima

turismo cultural que atrai (mesmo que seja em proporção bem menor do que em outras capitais europeias).

A “interatividade”, incremento da tão decantada *Mischung*, que se poderia esperar com a unificação, apesar dos esforços, parece não ter ocorrido, ao menos como os seus proponentes alardeavam, e talvez mesmo como consequência da própria política cultural oficial. Se, de um lado, a reativação, com grandes nomes, das principais salas de ópera e espetáculo, faz do Mitte novamente um polo dinâmico de Berlim, onde se dá a maior concentração de atividades culturais, de outro, e em consequência, face a uma tal pujança cultural do antigo Centro, Oeste e Leste parecem se especializar, mantendo os dois lados da cultura... Algo como uma divisão de tarefas entre preservar a *Alte* e a *Neue* ou a *Subkultur*. Assim, o Oeste continua aparentemente passivo, dando continuidade às programações tradicionais, enquanto no Leste a cultura, especialmente de vanguarda, fervilha: um exemplo é a região de Prenzlauer Berg, mencionada há pouco. Kreuzberg, por exemplo, transformado nos anos 80 em bairro boêmio da parte ocidental, começa a deixar de sê-lo (transformando-se progressivamente num pacato bairro de classe média), e os artistas, a imigrarem, seja para o Mitte seja para bairros mais ao norte – enquanto o Oeste derrapa, o Leste ganha em dinamismo e em arte de ponta, e o que ainda sobrevive da *Subkultur*.



Hackesche Höfe no velho Mitte restaurado, com lojas fashion e cafés

Assiste-se assim a um processo de gentrificação rápida – Mitte, *Spandauer Vorstadt* (hoje também na moda), Prenzlauer Berg... Jovens profissionais, estudantes aboadados, jornalistas, quadros, se deslocam para essas regiões e adjacências (antes habitadas preferencialmente por pessoas idosas ou estudantes). Um tal deslocamento corresponde a uma renovação urbana conjugada a uma expansão cultural paralela. Num certo sentido, como observa Grésillon, o Mitte se transforma em espelho da capital. Inclusive encarnando as novas regras do jogo: fazer da cultura um divertimento, e da arte, um produto a ser comercializado e a consumir sem moderação. Da “criação” (marca berlinense dos anos dourados) à “representação”: Berlim transformada no altar do comércio e dos eventos artísticos (Festivais, Bienais, etc.). “De ‘laboratório de vanguarda’ – diz ele – o Mitte tornou-se um laboratório do casamento entre arte e dinheiro, ‘cultura de capital e de metrópole’”. Ao mesmo tempo que ocorre um boom de

galerias (em 1999: 324 exposições), onde a cultura underground não tem mais direito de centralidade. “Prenzlaur Berg vive entre a lenda e a realidade”.

Segundo o autor, talvez se possa resumir esta “renovação” urbana e cultural em 3 etapas: a) “Idade de ouro”: aos raros lugares alternativos de antes de 1990 vêm se juntar inumeráveis iniciativas privadas que criam a toda pressa novos lugares culturais e artísticos - projetos socioculturais visando crianças, jovens e idosos sob forma de ateliês e de lugares de encontro. Enfim, cafés aparecem, concebidos menos como estruturas sociais buscando lucros do que como lugares de encontro frequentados ativamente pela *Szene* do quartier, geridos de maneira comunitária, ou térreos squaterizados. Ou seja, lugares vivos e de criação, com o apoio constante da administração do quartier. São contratados especialistas pagos pelo Estado, etc. b) Depois de 3 ou 4 anos, começa uma segunda etapa (1994-95) colocada sob o signo das “restrições financeiras”, devido às dívidas de Berlim e que dizem respeito também aos bairros. Sem sustento, os lugares culturais começam a ser privatizados. Certos estabelecimentos pioneiros são obrigados a fechar, e o tecido cultural a se fragilizar. c) Ao fim, desde 1996, começa uma terceira etapa de “triagem”, em que ocorre uma seletividade crescente dos lugares, especialmente em relação aos setores *off* (que tem que responder a demandas mais exigentes, ou se institucionalizar); a cena alternativa, muito viva em Berlim, passa a alimentar o movimento perpétuo da cultura em busca de geografia, transforma o perfil dos bairros, conquista novos espaços, sempre mais à leste, nichos esquecidos... e prova que os artistas são agentes eficazes de promoção urbana e de dinamismo geográfico – especialmente pequenos teatros,

galerias, ateliês, clubes, discotecas e bares. Mas os bairros de mais prestígio são mesmo Prenzlauer Berg e o Mitte – os “lugares” *branchés* de Berlim! O aburguesamento destas áreas é um fato e ocorre com enorme rapidez³³.

Ora, dada a reunificação problemática, pergunta-se Grésillon, que tipo de mensagens identitárias, políticas ou ideológicas querem os governantes transmitir com tais estratégias. Como o público as percebe e quais as práticas culturais que daí derivam? Pode-se facilmente constatar uma percepção diversa a Leste e a Oeste, um deslocamento maior da população para o Leste, onde se preserva apesar de tudo uma cultura mais avançada (embora a sua pintura não goze do mesmo prestígio – veja-se a pouca representatividade que tiveram na histórica exposição de 1999, cujo tema era a própria Berlim) enquanto no Oeste permanecem em geral espetáculos mais convencionais... Mas não é só isso, há uma barreira que persiste, talvez por motivos políticos ou culturais sedimentados no quase meio século de divisão³⁴. Há uma componente passadista que está em permanente confronto com a arquitetura e arte mais *up to date* e que, deve-se reconhecer, não é o melhor an-

33. Cf. *Idem*, pp. 210-225.

34. Ver o seguinte quadro dos “fluidos culturais” *idem*, p. 264:

Gênero Artístico	Renovação dos lugares	Mobilidade do público
Música sinfônica (Concertos)	Nenhuma	Leste>Leste; Oeste>Oeste
Ópera	Nenhuma	Fraca: Oeste>Leste
Teatro – cena oficial Teatro – cena <i>off</i>	Fraca Média	Média: Oeste>Leste Elevada: Oeste>Leste
Dança contemporânea	Bastante grande	Elevada: mix Leste/Oeste
Jazz, rock, techno	Muito grande	Muito elevada: diferenças Leste/Oeste abolidas

tídoto ao festival de formas propostas pelos novos empreendedores. Assim, Naumann, apenas nomeado ministro da cultura, em 1998 propôs a reconstrução do castelo dos Hohenzollern no lugar da Praça do Palácio da República da ex-RDA – um *revival* nada alentador e que nos traz reminiscências funestas... A política do *tout culturel* do leste socialista, depois de alguns anos começa a ser desbaratada. Esta política de tábula rasa, desempregando artistas e desfazendo grupos e orquestras tem por finalidade alegada a questão econômica. Mas, ainda nas pegadas de Grésillon, é tão mais desastrosa se levarmos em conta o seu peso econômico, nem que seja do ponto de vista do turismo... – aliás por isso mesmo a multiplicação de eventos internacionais: festivais de cinema, bienais, etc.

E o autor encerra seu balanço com um curioso e – parece-me – verossímil paralelo entre as três capitais: Paris, Londres e Berlim³⁵: Paris: cidade da consagração, seria, ao menos nesta última passagem de século, mais superlativa do que criativa... Londres: Teatro! Cidade da inovação e da transgressão... (principalmente na música moderna em que é um verdadeiro laboratório, ou nas artes plásticas, com a *Brit Generation*). Mais criativa do que a capital francesa, só teria paralelo no mundo com NY. Londres seria, portanto, hoje, de seu ponto de vista, a meca da arte de vanguarda. Finalmente Berlim: supremacia da música/dança/teatro *off* – cidade emergente, capital cultural potencial... em movimento, mas não um *carrefour* cultural, inclusive por sua posição geográfica. Embora a reconheça como uma grande capital, acredita, como muitos outros críticos, que dificilmente será uma metrópole cultural europeia. Além do mais, diz ele, em Berlim, cada vez mais a

35. *Idem*, pp. 304 e ss.

criação cede à representação e à política de eventos – à festivação da cultura. E, conclui, na linha do que vínhamos expondo: Potsdamer ou Friedrichstrasse mais tem a ver com a fachada do que com o conteúdo, com o consumo e o divertimento do que com a arte. Trata-se, nada mais, nada menos do que de um Event-Mall... Do mesmo modo que Potsdamer Platz não passa de um Media-Event-Mall embora divida parede-meia (sem jogo de palavras) com o centro de *high culture* símbolo da Berlim ocidental: a Galeria Nacional, projetada por Mies Van der Rohe, e o conjunto, com a Sala da Filarmônica e a Biblioteca – obra de outro alemão, Hans Scharoun, compondo algo assim como um Mix-Event-Mall.



Conjunto de Hans Scharoun (Filarmônica e Biblioteca, vistas de Potsdamer Platz)

Em suma, do ponto de vista geográfico e social, tudo leva a crer que estamos mesmo diante de um enorme processo de redesenho social, sem que se saiba ao certo qual

a viabilidade e a proporção exata, pois justamente o que se imaginava que ocorresse, uma colossal imigração, vinda do resto da Alemanha, não só não se deu, como o berlinense médio em geral não se deslocou de suas respectivas “metades”: a grande maioria dos moradores do Leste e do Oeste continuam residindo no seu “lado” de origem. Ao mesmo tempo, os imigrantes, especialmente os turcos, continuam confinados nos mesmos bairros e a pressão no sentido de expulsar os moradores de renda mais baixa para o perímetro externo da cidade, ou ao menos afastá-los das regiões mais centrais, parece cada vez mais forte. A verdade é que Berlim é uma cidade de população relativamente pobre. Como declarou um sociólogo alemão, em entrevista a um jornal brasileiro, na virada do milênio o índice de desemprego era dos maiores da Alemanha (16,5% contra uma média de 9,8% no resto do país – e ele não só cresce no Leste como no Oeste; entre os imigrantes turcos, por exemplo, há 40% de desempregados)³⁶. A *mistura* aí, portanto, continua a existir pela própria situação social da cidade – a diversidade não é propriamente um mérito mas um *handicap* –, embora certos ambientes e espaços semifechados sejam por si só dissuasivos. Potsdamer Platz – para voltarmos ao nosso exemplo paradigmático –, ao menos por enquanto, não passa de uma atração turística principalmente para os próprios alemães. O que não deixa de ser uma ironia a mais com a qual ninguém contava. Pouco consola saber que atrai muito mais visitantes do que qualquer outra área reconstruída de Berlim (concorrendo apenas com o Duomo *high tech* do Parlamento).

36. Cf. Harald Bodenschatz, em *Folha de São Paulo*, 29.04.2001.

III

Do sonho à realidade

Para entender o papel que, nas atuais estratégias urbanas, têm esses novos espaços múltiplos, de visibilidade máxima, em especial num caso como o que estamos tomando como exemplar – Berlim –, de modo a distinguir, por exemplo, o discurso (seja animado de boas intenções ou simplesmente de ilusões) e a prática, é útil ter presente alguns dados sobre as transformações econômicas e sociais que vêm acompanhando um tal *boom* arquitetônico. Retomo de forma sumária algumas das conclusões a que chegou uma pesquisa, da qual me valho bastante neste roteiro berlinense, publicada sob o título *Paris-Berlim*³⁷.

Começo pelos prognósticos pouco alvissareiros do especialista em geografia econômica, Stefan Krätke, que, na contramão dos sonhos metropolitanos berlinenses, constata que a evolução econômica da capital alemã, de 1990 para cá, não oferece motivo para euforia. Também ele registra a redução drástica de empregos (60% de 1990 a 1996), não só pela liquidação das indústrias do Leste, mas também pela supressão de subvenções às do lado Oeste, desde sempre estruturalmente fracas, e que acabaram fechando ou se deslocando para outras cidades³⁸. Afinal elas estavam ali graças aos incentivos, tanto quanto – é preciso não esquecer – parte da população. Tratava-se de

37. Pesquisa patrocinada por várias entidades francesas e alemãs, de um grupo de geógrafos, arquitetos, urbanistas, sociólogos e politólogos de ambas as nacionalidades. (FSP.cit.)

38. “Berlin: Métropole tertiaire ou espace de production en deshérence”, *op. cit.*, pp.79-108.

fazer de Berlim uma vitrine para o capitalismo em pleno co-
ração da Alemanha do Leste. O que levou, por exemplo, nos
anos 50, o Governo alemão (na época, Willy Brandt), a patro-
cinar a construção de todo um bairro (Hansa-Viertel Inter-
bau) por mestres famosos do Movimento Moderno. Poucos
anos depois, em franco contraste com o Muro, nas imedia-
ções da porta de Brandenburgo e ao lado da atual Potsdamer
Platz, o Governo igualmente instalou equipamentos cultu-
rais – a Galeria, a Filarmônica e a Biblioteca, que acabamos
de citar; sem esquecer uma iniciativa como a do porte do
IBA, nos anos 80, a que nos referíamos no início. Assim, se
tudo na Berlim do pós-guerra já era bastante artificial, não
espanta que se inventasse uma Berlim como *Global City*.
Simplesmente trocava-se uma fantasia por outra, verdade
que bastante *up to date*: sua conversão numa metrópole
do terciário avançado (para variar!), em suma, um centro
estratégico global econômico e de serviços. A grande maio-
ria de seus projetos urbanos, em especial os de Potsdamer/
Leipziger Platz parecem por certo vir ao encontro desta nova
aspiração. Mas para tanto ela precisaria ser de fato a sede
das grandes empresas, daí as vantagens oferecidas àquelas
que patrocinaram este último empreendimento, e, nele, o
fato de privilegiar os espaços destinados a escritórios, tanto
quanto os negócios culturais mais prósperos e mais ligados
às indústrias de ponta, ou seja, cinemas, miatecas, e até
mesmo um cassino.

Voltando a Stefan Krätke³⁹. Através de um levantamento
minucioso, o autor mostra que boa parte das empresas berli-
nenses dependem de controles externos e de outros centros
(e, como se sabe, as matrizes podem reduzir drasticamente

39. Ver também seu livro, em coautoria com Renate Borst, *Berlin. Metropole zwischen Boom und Krise*, leske+budrich, Opladen, 2000.

investimentos, empregos, etc.), e que, portanto, Berlim não tem muito poder sobre seu próprio destino econômico, nem os agentes políticos podem mais do que oferecer vantagens banalmente competitivas. Do mesmo modo, e por consequência, observa que também na área de serviços, as atividades tendem a decrescer (distinção, aliás, que não lhe parece muito correta, pois em muitos setores – alguns muito importantes em Berlim, como o dos mídia ou o da cultura –, uma separação clara entre serviço e produção é impossível). Para corroborar – deixando de lado o dualismo, que lhe parece simplista –, estabelece uma série de quadros estatísticos demonstrando como parte dos efetivos em alguns setores “estratégicos” têm sido reduzidos. Por exemplo, de 1993 a 1996: Cultura (-9,8%), Indústrias tecnológicas (-22,4%), Indústrias tradicionais (-20,7%), Serviços financeiros e imobiliários (-1,4%), Serviços às empresas (+7,2%, o único que cresceu); do mesmo modo, em Energia, Transportes (este, inclusive, o campeão, com -25,9%), Comércio, Manutenção e até mesmo Administração do Estado (-16,4%). Ao mesmo tempo, comprova que, dentre os 5 primeiros setores chaves, a cultura vem em segundo lugar, enquanto as indústrias com forte capacidade de pesquisa e desenvolvimento técnico, em último. Além disso, comparativamente, em relação às outras áreas metropolitanas da Alemanha – Hamburgo, Frankfurt, e Munique – Berlim só se destaca em serviços de manutenção e administrativos, em especial na administração de bens imobiliários. Também, salvo nestas duas áreas e nos serviços às empresas, a taxa diferencial em relação às outras regiões tem crescido. Tudo, portanto, leva-o a concluir, como os autores já citados anteriormente, que dificilmente Berlim merecerá o título de metrópole terciária ou cultural⁴⁰.

40. Cf. no estudo citado inicialmente, os gráficos 4.1, 4.2, 4.3, 4.4, 4.5. pp.86-91.

BERLIM RECONQUISTADA



Mapa de renda média por distrito de Berlim, 2000

Outro dado levantado pelo autor é o da suburbanização do emprego – o que não deve ser visto apenas como um fenômeno natural, pois não se trata de uma transferência de empresas ou de postos de trabalho para a coroa urbana periférica, pois as perdas no interior da cidade não foram compensadas por pequenos aumentos na periferia e estes não representariam nenhum novo *élan* econômico, mas talvez um dos derradeiros trunfos na competição de soma zero entre Berlim e os municípios periféricos do Brandenburg pelos últimos redutos industriais – justamente Berlim não apresenta a estrutura dual de muitas das outras cidades metropolitanas, ao contrário, há toda uma série de produções industriais (tradicionais ou avançadas) dispersas pela cidade, embora progressivamente

com forte tendência a formação de *clusters*⁴¹. Por exemplo, o setor financeiro possui um grau de concentração maior do que as indústrias tradicionais mais fracas. Outras atividades que Krätke considera sintomaticamente mais concentradas, e em regiões centrais da cidade, são exatamente as ligadas ao setor cultural, tanto quanto as indústrias de forte capacidade de pesquisa, reproduzindo nisto, aliás, a correlação dos altos serviços e do setor financeiro de todas as regiões metropolitanas (embora nem sempre isto ocorra nos centros urbanos tradicionais, mas naquelas áreas que vêm sendo chamadas de “novas centralidades”). O que por sinal, adverte o mesmo autor, sempre em registro cético, não a capacita a ser um centro econômico estratégico⁴².

No que concerne aos conglomerados culturais – dos setores informais à “cidade dos mídia” – Krätke não tem dúvidas quanto às suas vantagens, seja pelo que podem representar como atração turística, seja pelo que ganham em eficiência. Obviamente, no seu argumento não há lugar para os atuais empreendimentos arquitetônicos imobiliários superdimensionados, irrealistas quanto à fantasia de uma *Welstadt*, embora muito pragmaticamente realistas no que se refere ao curto prazo dos negócios. Mesmo assim, considera de fundamental importância para o futuro de Berlim (no qual acredita), o fato de que a área central da cidade sempre foi e continuará sendo a localização mais favorável a uma constelação de atividades vinculadas à pesquisa e desenvolvimento em âmbito industrial e sobretudo à inovação na produção cultural. Uma ressalva

41. *Idem*, p. 95.

42. *Idem*, p. 97.

que não faria sentido em sua contra-argumentação, não fosse sua crença muito arraigada na lendária *Mischung* berlinense, quer dizer, sua firme convicção de que a manutenção daquele arranjo é vital para a preservação da “associação, nos bairros mais densamente urbanizados de Berlim, de lugares de produção e habitação”. Esse o “precioso potencial” da cidade que a voracidade dos empreendedores imobiliários estaria pondo a perder. “Durante muito tempo Berlim se deixou embriagar pelo brilho das novas fachadas dos edifícios, pela construção de fortalezas de escritórios e de complexos comerciais erigidos pelos habituais caçadores de subvenções. Estes assim chamados investidores não têm nada a ver com as atividades produtivas e sua importância para a economia urbana. Eles podem mesmo, a longo prazo, solapar seus fundamentos se se leva em conta os efeitos deletérios da pressão especulativa para a conversão das zonas industriais de produção da área urbana central”⁴³.

Desastre que não pode, evidentemente, ser compensado pela criação de arquipélagos de alta tecnologia ou cultura, os quais não chegam a resolver minimamente a crise de desemprego e de desintegração social em Berlim face às práticas arrasadoras dos promotores imobiliários – as fachadas monumentais não conseguem esconder os verdadeiros problemas da cidade, apenas disfarçados por uma operação de marketing. Quando a salvação de Berlim talvez estivesse justamente em ser estimulada a manter um espaço de produção diferenciada e não apenas a ser um centro privilegiado do “terciário avançado” – o que a estaria (ou está) levando a um beco sem saída⁴⁴. A multi-

43. *Idem*, p. 103.

44. *Idem*, p. 107-108.

plicação de grandes projetos parece apenas corresponder a uma *vontade de poder* que se traduz por imagens grandiosas (ainda uma vez! afinal Berlim s’y *connaît*) de prosperidade, bons negócios e muita “criatividade” (no novo jargão empresarial).

Desnecessário repisar tudo o que já se disse sobre os inconvenientes dos Grandes Projetos para as cidades, a começar pelo impacto no entorno, que em geral exige enormes contrapartidas da administração pública, facilitando a sua reprodução, e, conseqüentemente, ainda uma vez, deslocando populações e simplesmente empurrando as fronteiras da segregação para mais adiante. O resultado é uma verticalização e hiper adensamento, às vezes físico, pois em geral não corresponde às expectativas da população, ou melhor, em língua de negócios, à demanda, pois passa a ser uma máquina autônoma de gerar valor.

Chamo a atenção para mais um dos estudos deste grupo franco-alemão, de Vincent Renard⁴⁵, justamente sobre as bolhas especulativas que obrigam os investidores a conceberem projetos absurdos, como prédios de 1.000m de altura, cujo objetivo é menos realizá-los do que demonstrar a sua viabilidade: “o importante aí é a articulação entre mecanismos financeiros e formas urbanas de um lado, e as contradições e os impasses aos quais ela conduz, de outro”⁴⁶. Berlim, segundo ele, foi reunificada quando a bolha internacional estava no seu apogeu, mas acabou reproduzindo em parte o fenômeno com um cer-

45. “Pour une politique foncière et immobilière intégrée”, em *Idem*, pp. 177-189. Cf também Häussermann e Andréas Kapphan, *Berlin: von der geteilten zur gespaltenen Stadt? Sozialräumlicher Wandel seit 1990*, leske+budrich, Opladen, 2000.

46. *Idem*, p. 182.

to atraso, em 1992/93, desconectando os preços e levando a uma superprodução de certos setores, por exemplo, de escritórios, logo em refluxo, repetindo o mesmo ciclo dos demais. Mas enquanto dura o movimento ascensional é como se todos se beneficiassem, dos pequenos proprietários às municipalidades, gerando comportamentos de consumo correspondentes e animando as bolsas com os fundos imobiliários, dando aos beneficiários, hipotéticos ou não, a ilusão de que suas escolhas correspondem a uma “profecia autorrealizadora”.

Às vezes, como adverte o mesmo autor, o efeito pode ser o inverso ao da concentração: a fuga dos bairros “sensíveis” e a expansão periférica (é o que, do ponto de vista da habitação, ele acredita que possa ocorrer com Berlim, contrariando, pois, a intenção de adensar o centro – política de *inner city* que vem, aliás, desde muito antes, e que está na origem do grande *brain storm* empreendido pelo IBA). Mas a consequência mais desastrosa, reconhece, estaria reservada à habitação social, totalmente relegada por essas bolhas imobiliárias, se não totalmente, ao menos para fora das *fronteiras*⁴⁷ dessas áreas “requalificadas”, e altamente valorizadas, o que está obviamente conjugado a um crescimento da polarização urbana⁴⁸. Deixando de lado a proposta de uma “planificação de mercado” e, principalmente, os instrumentos que o autor aponta, ou de uma planificação urbana que leve mais em conta estas questões econômicas, registro apenas a identificação que ele faz deste processo também em Berlim e o alerta para um possível desequilíbrio (a meu ver já aliás

47. Na acepção crítica que lhe dá Neil Smith, *New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City*, Londres: Routledge, 1996.

48. Ainda Vincent Renard, em *Idem*, p. 186.

visível) entre “densidades inutilizadas em abundância” e escassez habitacional, na outra ponta. O paralelo final é com as Docklands londrinas, onde se imaginava poder financiar, com essa especulação imobiliária à solta (que elevou às alturas o preço dos terrenos), da habitação social à extensão do metrô, mas que, para se viabilizar, teve que, num segundo momento, ao ser revertida a curva de valorização, recorrer a uma forte injeção de dinheiro público – o que fez novamente o mercado se reerguer. E conclui: “Este tipo de parceria público-privada que esgota os ciclos econômicos se traduz pois no plano redistributivo por um caráter regressivo: perda pública, ganho privado. A evolução dos mercados imobiliários nos anos 90 pôs isto claramente em evidência”⁴⁹.



Habitações exclusivas num cenário nobre

49. *Idem*, p. 189.

No caso específico em discussão – Potsdamer/Leipziger Platz: os anúncios de apartamentos à venda (algo em torno de 20% da área construída) – p. ex., “moradias exclusivas num ambiente nobre”, ou, “venha morar num cenário nobre”, como se pode ler em painéis publicitários no Sony Center – são bastante sugestivos quanto ao público-alvo, como se diz. Possivelmente, se Harald Bodenschatz, o sociólogo citado há pouco, tem razão sobre o índice de desemprego em Berlim, continuarão ociosos, e a tão decantada *Mischung* não passará de uma ilusão fugaz nos subterrâneos do metrô, pois nem mesmo os atuais espaços abertos daquelas antigas praças, aliás, em geral tomados por chafarizes ou espelhos d’água, são propícios ao uso, muito menos a qualquer tipo de “interação”, ou “sinergia” (como gostam de falar os seus ideólogos).

Antecedentes

Ainda, no que diz respeito à distribuição socioespacial em Berlim, é preciso lembrar que, apesar da propalada *mistura* berlinense, especialmente no início da época manufatureira, quando havia uma relativa proximidade entre as várias camadas sociais, estas se distribuíam de forma bastante hierárquica nas construções que, não à toa, eram denominadas *Mietskasernen*⁵⁰, abrigando apartamentos totalmente diferenciados (os que davam para a rua e os internos, os dos andares mais altos e mais baixos, etc.). Esta relativa “mistura”, no entanto, foi desaparecendo com o

50. “Casernas de habitação coletiva”, eram construções, do século XIX, feitas em parcelas profundas de lotes longos (de 200 a 400 m.) e que se compunham geralmente de um edifício sobre a rua, de uma ala lateral e de vários outros edifícios transversais e vários pátios (cf. Häussermann, em *Idem*, p.134).

que Hartmut Häussermann chama “urbanismo capitalista”⁵¹ e com o aparecimento da grande indústria, quando na região norte e leste passaram a se concentrar as habitações de uma só peça, sombrias e mal arejadas. Em 1918, eram estas as condições de 40% dos alojamentos – em oposição às residências dos *faubourgs* e de certos arredores privilegiados (sobretudo a oeste) da cidade. A segregação a partir daquele momento é indiscutível. Mas Berlim sofreu também uma segunda onda “democratizante”, com a Bauhaus, nos anos 20, e a construção das *Siedlungen*, especialmente durante as gestões de Mölcher e Martin Wagner. Pela primeira vez, diz Häussermann, confiou-se aos arquitetos a tarefa de construir grandes quantidades de alojamentos: durante a República de Weimar teriam sido construídos 135.000, dos quais 83.000 por sociedades públicas de habitações sociais, entre os quais estão o famoso loteamento “Uncle Tom”, e a Siemensstadt. Modernos, coloridos, ajardinados e mais ou menos padronizados (obedecendo ao princípio da igualdade!), eram uma alternativa às *Mietkasernen*, devendo abolir a dicotomia centro/periferia. Na verdade, pretende Tafuri, em um texto muito citado⁵², as *Siedlungen* reproduziriam a dualização da cidade, ao deixar o núcleo urbano anterior entregue a si mesmo – ou seja, invertendo o sinal, mas sem desfazer os antagonismos. Aliás, por isso mesmo, segundo Häussermann, altos aluguéis acabaram fazendo destas *Siedlungen* bairros que não se destinaram à classe operária. De qualquer modo, pretendia-se que fosse a residência do “homem novo”: testava-se o princípio da habitação po-

51. Sobre toda esta reconstituição histórica das “Transformações socioespaciais de Berlim”, cf. Häussermann, em *Idem*, pp. 133-156.

52. *Projeto e Utopia*, Lisboa: Presença, 1985.

pular com “qualidade” de serviços (água, luz, banheiros, etc.), espaços mais amplos, sem falar na proximidade do local de trabalho, poupando tempo e esforço dos moradores (verdade que colaborando no barateamento da força de trabalho).



Mietkasernen – Berlim 1900

No pós-guerra, o panorama modificou-se totalmente. Não havia nenhum atrativo para investimentos privados numa meia cidade ilhada na Alemanha oriental. A Berlim ocidental, semidestruída, acabou de sê-lo pelas construtoras que a reconstruíam com altas subvenções do governo federal (e negociatas de todo o tipo, como documentam muito bem os filmes de Fassbinder), com a condição de que fossem oferecidas moradias baratas. Isto se deu, espalhando tais habitações por toda Berlim, criando assim uma certa mistura que não obedecia exatamente à lógica do mercado. Este caráter atípico, ao invés de proporcionar

uma saudável *Mischung*, entrou ainda mais a economia e expulsou a mão de obra qualificada e as elites econômicas – os que restaram se mantiveram nas periferias oeste e sul. Os grandes apartamentos centrais iam sendo abandonados e acabavam se transformando em moradias populares ou comunitárias – o que os tornou atraentes especialmente para os imigrantes e estudantes (os *squatters* dos anos 70). Ao mesmo tempo houve um desadensamento na região Oeste, em especial no centro, enquanto a periferia se expandia.



Karl Marx Allee – Berlim Leste

Já no Leste, procurou-se criar uma moradia “socialista” exemplar: grandes conjuntos foram construídos e uma mistura *sui generis* acabou ocorrendo. Uma das principais metas da política e do urbanismo socialista, como se pode imaginar e registra Häussermann, era suprimir a segregação existente nas cidades capitalistas, substituindo-a por um conagraçamento das diferentes camadas sociais, atribuindo-lhes alojamentos igualmente de qualidade e de tamanho uniforme: os mais conhecidos são os da Karl-Marx-Allee. As pessoas eram “escaladas” para morar ali, independentemente da posição social, a única restrição era de ordem política, ou seja, todos os suspeitos de dissidência eram alijados. Isto é, a mistura, depois tornada proverbial, (“a empregada doméstica ao lado do diretor de empresa”) até certo ponto existia nestes conjuntos. Ocorre que a proximidade era unicamente física: de dia trabalhavam todos e as crianças iam para as creches das empresas, no fim de semana refugiavam-se nas suas pequenas casas de campo. Além do que, a prioridade era sabidamente dada aos jovens casais com filhos, e “sólida formação” profissional, de maneira que se pudessem realizar exemplarmente aí o “modo de vida socialista”. Sem contar que, parte da cidade – as antigas *Mietkaserne* –, era ocupada por dissidentes e suspeitos (marginais de toda espécie) que tinham que se contentar com (ou preferiam) habitações fora do padrão, mas em compensação, completamente degradadas e sem nenhuma manutenção.

Como se vê, a famosa *Mischung* berlinense era ou fruto das limitações econômicas, ou imposição política, sem que se tenha nenhuma comprovação de que se tratasse de uma verdadeira integração social, de um autêntico pluralismo, menos ainda de socialismo... Por sinal, um levanta-

tamento feito na década de 80 constatava que, no antigo Leste, a taxa de habitação operária, nos bairros tradicionalmente proletários, baixara em relação ao início do século, e que a cidade fora socialmente redesenhada pelo regime comunista: a massa dos trabalhadores (ao menos a não qualificada) foi para os bairros distantes, para os conjuntos habitacionais de Marzahn, Hohenschönhausen e Hellersdorf, enquanto os alojamentos mais bem equipados e centrais eram atribuídos, preferencialmente, à classe média “socialista” e mais instruída (como acabamos de referir). Ao contrário do que ocorreu em Berlim Ocidental, onde os bairros operários tradicionais continuaram concentrando mais trabalhadores, enquanto a classe média e intelectualizada avançava sempre mais para oeste e sudoeste, distanciando-se do centro, que foi progressivamente se esvaziando – o que as iniciativas do IBA (volto a lembrar) e, agora, do Senado, em regiões como a de Potsdamer Platz ou Friedrichstrasse, vêm tentando em princípio reverter. Portanto, nem de um lado, nem de outro, a mistura era algo consistente. E o que alguns estudiosos afirmam é que a setorização (e, por vezes mesmo, segregação), da cidade, tende a se acentuar: sejam as áreas “especializadas” do centro – administração, museus, mídia (grandes cadeias de televisão e seus estúdios); os bairros de galerias e artistas – o Scheunenviertel, algo geograficamente menos estável, pois depende mais das pressões econômicas e do mercado, como adverte Klaus Brake⁵³ (torno a lembrar este avanço para o Centro e para o Leste e, por exemplo, de Kreuzberg e do próprio Mitte na direção de Prenzlauer Berg); sejam os novos grandes projetos – con-

53. Sobre tudo isto, cf. Klaus Brake, “Métamorphoses berlinoises”, em *Paris-Berlin cit.*, pp. 215-228.

juntos mistos, mas sem nenhuma integração no contexto e por vezes também interna.

Contradições?

Voltando ao nosso foco privilegiado. Potsdamer Platz é sem dúvida um destes conglomerados de prédios e funções que, em tudo e por tudo (concepção, arquitetura) destoa completamente de todo o resto da cidade e que, na tentativa de ser uma síntese de sua urbanidade, parece mais ter se transformado num enclave, mais exatamente, como vimos, num verdadeiro “parque temático”. Aliás, procurado por turistas em sua maioria alemães, ou mesmo berlinenses, como se observou. E o pior, na busca de uma identidade perdida, ou de antecipação de um futuro que se sabe incerto. O que de fato representam os bilhões de marcos ali investidos? Os devaneios a respeito giram em torno dos estereótipos alemães clássicos: *Gemütlichkeit* (aconchego), para caracterizar a ambiência desta *Kleinstadt*, ou, como se pode ler no *Berliner Morgenpost*, “uma atmosfera agradavelmente tranquila e aprazível”, como se estivesse sendo descrito um *Bad Berlin* (ou seja, um spa ou uma estação de águas – comenta ironicamente o mesmo Werner Sewing, citado inicialmente). E, no entanto, o que se vê, diz ele, é uma miniaturização dos arranha-céus americanos, combinada a uma concepção de espaço medieval, de alguma pequena cidade italiana – até na cor “anêmica” alaranjado pálido (segundo um outro jornal, o *Frankfurter Allgemeine Zeitung*) dos prédios do genovês Renzo Piano. “Potsdamer Platz é um parque temático em que os motivos significativos da cidade grande são apresentados ao pedestre como amigáveis, próximos ao idílio

da pequena cidade sem automóveis. Os elementos irritantes da infraestrutura urbana, como o tráfego utilitário, devem ser banidos para o subsolo. Uma pitada de Itália (praça de Siena, blocos de ofício milaneses), um traço novo-iorquino, citações da história arquitetônica dos anos 30 aos 70, um toque de Paris no seu boulevard abreviado com suas inumeráveis mesas de café – tudo isto foi reunido aí. Só os ingredientes berlinenses foram esquecidos”⁵⁴.

Embora, não passe despercebido – já que tudo ali apela para o imaginário do visitante – que, unindo o Music Hall ao Cassino, há uma praça com o nome da mítica Marlene Dietrich. Um lembrete que em nada muda a avaliação de Sewing, para quem, mesmo que nada num parque temático seja, por definição, original, não há em Potsdamer Platz qualquer parentesco com a antiga Potsdamer-Leipziger Platz (ressalva feita aos dois remanescentes já mencionados, a Haus Huth, espremida entre os demais prédios, e um fragmento do Hotel Esplanada, transposto para o Sony Center, isto é, deslocado para permitir o alargamento da Potsdamer Strasse), apesar de que a alardeada intenção original tivesse sido revivê-la. Como aliás também pouco tem das grandes cidades europeias ou americanas: não há nada nela que se possa comparar aos generosos *boulevards* franceses que pretende mimetizar – para os verdadeiros flandreses a rua é muito estreita... –, ou à dramática densidade de um centro urbano, como o de Nova York⁵⁵.

Enfim, poderíamos concluir, no mesmo registro: uma provinciana Manhattan. Por sinal, as três torres que enca-

54. Werner Sewing, *op.cit.* p.55.

55. *Ibidem.*

beçam os dois conjuntos: a de Renzo Piano, a de Kollhoff e a de Helmut Jahn, embora excessivas para os gabaritos berlinenses, são extremamente acanhadas para os padrões americanos (ou mesmo se comparadas às novas grandes torres europeias), e estão longe de compor algo semelhante ao Rockefeller Center, por vezes lembrado; muito menos, em sua total disparidade, de sugerir um pórtico, conforme os seus idealizadores, para justificar o contraste que estabelecem com os demais prédios do entorno. Se o Sony Center, talvez por ser projetado por um único escritório, tem mais unidade que o conjunto da Daimler-Benz, suas fachadas em aço e vidro não são em nada extraordinárias e os visitantes parecem apenas prestar atenção à sua engenhosa cobertura circense, aliás, projetada *a posteriori*, para suprir um erro elementar: uma praça interna ao ar livre em plena Berlim! Reminiscência da Filarmônica e do Music Hall de Scharoun, como quer Jahn? Se for, lembrança tardia, ou *ad hoc*... Quanto à tão decantada Daimler Platz, projetada por Piano, de fato um verdadeiro *show room* de arquitetura para todos os gostos: a caixa de vidro escalonada de Rogers, compondo com os cilindros recorrentes em seus projetos – não por acaso um dos que se rebelaram contra a monotonia dominante berlinense e responsável (que isto não seja um mau presságio) por um outro parque temático, este sim, um bric-a-brac único, ao mesmo tempo que um mais gritante fracasso, o milionário Millenium londrino, posteriormente desativado; ao lado, os prédios num discreto amarelo queimado, de Renzo Piano, que não deixam de lembrar o IRFAM de Paris, embora subordinando-os ao princípio da variedade que ele mesmo adotou; o Hotel Hyatt de Rafael Moneo, com suas monotemáticas janelas quadriculadas; a torre de tijolos escuros de Kollhoff, numa clara citação ao neogótico

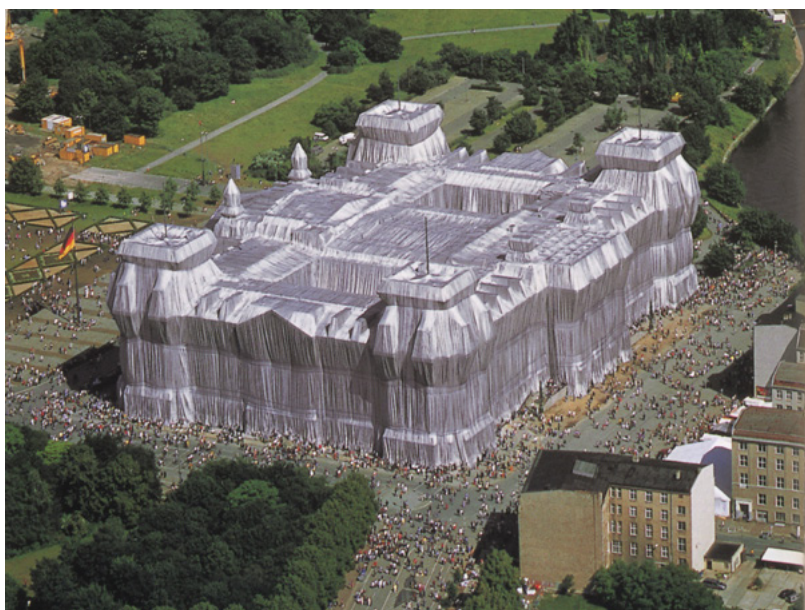
americano; sem falar nos dois blocos de Isosaki, mais uma vez na terracota rosada, tão ao seu gosto e encontrável em outras obras suas, como no Museu de Arte Moderna de Los Angeles, por exemplo. Enfim: a maior variedade de cores e formas, tanto quanto de funções – neste ponto, não há dúvida, uma “mistura” para ninguém por defeito. Mas não era disso que se tratava. Ou era?



Vista geral de Potsdamer Platz com a cúpula do IMAX em primeiro plano

Retomando o ponto de vista de Werner Sewing: nem coração, nem coração artificial, possivelmente apenas um lugar de produção de imagens urbanas. De qualquer modo, se Berlim necessita de um coração, é bem possível que daqui a pouco seja não mais Potsdamer Platz, mas, como lembra o autor, o Palácio de Berlim dos Hohenzollern, destruído em 51 pela RDA, e que, uma vez reconstruído, pode vir a se transformar no verdadeiro core da nova capital: “o mito da monarquia abrindo as portas

para inimagináveis possibilidades de um outro parque temático”⁵⁶ – só que aí, acrescentemos, reatando com a mais sombria tradição alemã... Diante disso, cabe perguntar, a contrapelo das minhas observações anteriores – restrições e patriotismos à parte, se algum mérito tem Potsdamer Platz não estaria justamente nisto: num certo internacionalismo (cosmopolitismo?), mesmo que acanhado e em recinto fechado? Afinal, nada mais temível do que o já experimentado, e de triste lembrança, “espírito” prussiano, principalmente quando à procura de uma nova identidade.



Bundestag, performance dos artistas Christo e Jeanne Claude (1995)

56. *Idem*, pp. 57-58.



Bundestag após a reforma. Cúpula do Arq. Norman Foster

Dilema capital

Num livro muito sugestivo, o jornalista Michael Wise descreve com bastante perspicácia as ambivalências dos alemães em busca de uma arquitetura da democracia – *Capital Dilemma. Germany's Search for a new Architecture of Democracy*⁵⁷. Ambiguidades visíveis, por exemplo, no contraste entre a discreta Bonn (*capital of self-effacement*) do pós-guerra, e a extrovertida nova capital, com sua arquitetura ora exuberante, ora monumental, ora ambas as coisas, para o que foi mobilizado, como se viu, parte do *star system* internacional e alguns talentos locais, de modo a se projetar como a mais promissora cidade, sem romper (ao menos integralmente) com o passado e seus mitos, expressos na arquitetura do

57. Nova York, Princeton Architectural Press, 1998.

Antigo Regime, do Terceiro Reich, ou mesmo da RDA. Na visão de Michael Wise, mudança de ponto de vista sobre a imagem que a arquitetura deve desenhar para a Alemanha hoje vitoriosa e, novamente, na liderança da Europa, oscilando, contudo, entre manter e destruir (por vezes, reconstruir) os monumentos de um passado em geral pouco democrático. Veja-se a praça dos poderes, enquadrada pelo Parlamento (o antigo Reichstag), sempre ameaçado de destruição, mas depois de “desinfetado” pelo empacotamento performático do artista plástico Christo, finalmente mantido (e quase integralmente reconstruído) com uma gigantesca cúpula de vidro, projetada pelo mestre da arquitetura *high tech* (Norman Foster), como a simbolizar a nova Alemanha, especialmente, na sua presumida transparência democrática. Ou ainda, nas palavras de Wise, como *illuminating shadows of the past*. Na verdade, um símbolo facilmente decodificável da velha dualidade alemã. Na frente: a recém inaugurada Chancelaria (residência do primeiro ministro), projeto de Axel Schultes e Charlotte Frank – reminiscência sombria (embora de uma brancura alvar), pela escala adotada e o repertório arquitetônico utilizado, dos antigos prédios que aí foram construídos na era nazista, em sua monumentalidade (e seus custos faraônicos), tanto quanto no seu neoclassicismo, agora disfarçado e modernizado, mas que nem por isso consegue esconder sua filiação à tradição Speer, Wallot, Schinkel, etc.



A nova Chancelaria no dia de sua inauguração. Arqs. Alex Schultes e Charlotte Frank

Ora, diante de tudo isso Potsdamer Platz pareceria uma lufada de ar “ocidental” sadio (?), não fosse sua inequívoca complementaridade – o outro lado da moeda, representado aliás por grandes empresas das três maiores potências econômicas mundiais (Estados Unidos, Japão e Alemanha – ou alguém acredita que a “globalização” as dissolveu?). Estou me referindo ao parentesco histórico, ao menos em se tratando da Alemanha, entre modernidade e anacronismo, modernização e “atraso”, ou, mais diretamente, iniquidade social. Tudo isso faz sistema. Assim também, esse pastiche, um tanto kitsch na sua monumentalização, da arquitetura de ponta das novas centralidades urbanas “ocidentais”, e o caráter áulico da arquitetura tradicional berlinense.

Senão, vejamos. As hesitações apontadas pelo jornalista viriam de longe⁵⁸. Explicam-se em parte por uma

58. Devo o resumo histórico que se segue às análises de Paulo Eduardo Arantes

espécie de desconfiança atávica, reativada a cada surto de fuga para a frente “ocidentalizante”, como se dizia ainda antes da Primeira Guerra Mundial, quando então se opunha à “civilização” puramente material dos liberais manchesterianos, ou puramente “política”, como a república francesa de jornalistas e advogados, a profundidade espiritual da “cultura” alemã, por mais comprometida (e talvez por isso mesmo) que estivesse com as relações autoritárias do Antigo Regime. Uma alegação tanto mais equívoca por alcançar o seu apogeu justamente no momento em que a Alemanha em guerra já era, fazia tempo, a mais moderna economia industrial da Europa. Entrava assim por uma via oblíqua na Modernidade. Pois a esse movimento em falso – um ingresso no mundo moderno combinando eficiência econômica capitalista e relações sociais características de uma ordem estamental brutalmente hierarquizada –, costuma-se aplicar a fórmula consagrada há quarenta anos por Barrington Moore: “modernização conservadora”. Na verdade, uma variante da noção de origem marxista, mais exatamente leninista, a da “via prussiana” para o capitalismo, por contraste com a via americana. A primeira faria economia de uma Revolução Burguesa, e uma correspondente reforma agrária radical (como na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos da Guerra Civil), conciliando a moderna propriedade burguesa com o latifúndio *Junker*. A explicação de Moore vai praticamente pelo mesmo caminho, acrescentando que a outra modernização implicava democracia política.



Vista do parlamento, do alto, do interior da cúpula de aço e vidro, através do teto transparente...

Voltando: o contraponto Cultura (alemã)/Civilização (liberal-burguesa, filistina etc.), a um tempo mitologia compensatória e crítica real do grau de alienação cobrado pelo processo de aburguesamento das sociedades tradicionais, é a expressão acabada de um caso também clássico do que se poderia chamar de “consciência nacional infeliz”, alimentada pela experiência de uma modernização que nunca se completa, embora se tire vantagem do resíduo pré-burguês (exatamente o caso do neomercantilismo alemão à época da unificação bismarkiana). Assim, do século XVIII (quando as sociedades do Antigo Regime começam a se “esclarecer”) até a Segunda Guerra (e além), toda vez que se evoca um pouco as reações em face aos *tournants* experimentados pelo país, confrontado com as injunções das atualizações impostas por um sistema mundial que continuam considerando por assim dizer “exterior” e “ocidental”, cedo ou tarde aflora esse contraponto, ora crítico ora conformista, mas sempre lançando confusão e

disseminando falsa consciência: “sombra” (alemã) e “luz” (europeia ocidental), e vice-versa, retrocesso burguês do processo civilizatório, e espírito livre alemão emancipado da tutela dos filisteus do mercado que afinal nunca chegou a conhecer. Esse o verdadeiro “dilema”, novamente presente na reconstrução de uma Berlim que, queira-se ou não, continua dividida.

Post-scriptum

Em um Colóquio sobre as cidades alemãs, ocorrido na França em 1994⁵⁹, o urbanista Dieter Frick, da Universidade Técnica de Berlim, entrevista, à época, dois cenários possíveis para a cidade: 1) O de um renascimento do seu poderio econômico, adaptado às formas e funções de uma *Global City*: “isto é, um centro internacional, comercial, financeiro e de serviços competitivo.” Para tanto seria preciso criar rapidamente os equipamentos que a fizessem funcionar e lhe dessem prestígio a ponto de interessar às multinacionais. “Deve-se lhes dar – continua Frick – a possibilidade de rentabilizar ao máximo o solo valioso do centro da cidade, e se colocar em cena através de uma arquitetura, com os standards internacionais habituais.” Não faltam, constatava ele, arquitetos renomados capazes disto, ou seja, de tomar a palavra “*grimper*” ao pé da letra! 2) O outro cenário, que não está formulado em detalhe, porque se opõe de maneira crítica aos modelos dominantes, enfrentaria a segregação crescente, a explosão anárquica das periferias, as ilhas urbanas, etc., através de

59. *La recherche sur la ville en Allemagne – Actes des journées franco-allemandes du PIR Villes*, Paris, CNRS éditions, 1996.

“um autocontrole consciente, um respeito das componentes sociais e ecológicas, uma concentração espacial e uma mistura de funções nos bairros e nas periferias”, uma ênfase no transporte público, enfim, um cenário tido em geral como “fora de moda”, “irrealista”, “utópico”, etc., mas que poderia ser caracterizado como o de uma “cidade com fisionomia humana”. Segundo o autor, a política urbana que vinha sendo incrementada pela Prefeitura de Berlim parecia tentar unir os dois cenários, ou “paradigmas”: de um lado, no plano geral, o segundo; no plano imediato, obedecendo à imposição de competir com outras cidades, o primeiro. E concluía: só o futuro dirá qual dos dois prevalecerá...⁶⁰ Passados todos estes anos, dessa mistura tão enfaticamente postulada dos dois paradigmas num modelo único, a impressão que se tem é de não ter restado mais do que um fantástico cenário de ruínas novinhas em folha.

60. Em *Idem*, pp.73-75.

Breve roteiro bibliográfico de Berlim

Architektur in Berlin, Jahrbuch, Hamburg: Junius Verlag (anúários publicados desde 1992).

BABBIAS, Marius e Von BISMARCK, Beatrice (org.). *Berlin! Berlin!*, Berlim: Taschenbuch, 1998.

Bauwelt Berlin Annual. Chronology of Building Events 1996-2001, Berlim/Basel/Boston: Birkhäuser Verlag, 1997.

Berlin, Modern Architecture, Berlim, Ed. Gernont e Johanne Nalbach, 1989.

Berlin: offene Stadt. Die Stadt als Ausstellung. Der Wegweiser, Berlim: Nicolai, 1999.

BERNFELD, Dan (org.) *Rehabilitation du quartier de Kreuzberg (Berlin)*, Veneza, CIEDART, 1985.

BRAKE, Klaus, “*Métamorphoses berlinoises*”, in DUHEM, Gilles, GRÉSILLON, Boris et KOHLER, Dorothée (coord.), *Paris-Berlin, regards croisés*, Paris : Anthropos, 2000 (coll. Villes), pp. 215-228.

BURG, Annegret, *Berlin Mitte. Die Entstehung euner urbanen Architektur. Downtown Berlin. Building the Metropolitan Mix*. Berlim/Basel/Boston: Birkhäuser Verlag, 1995.

DÖRRIES, Cornelia, “The City of Knowledge. How Berlin is gearing up for global competition”, in *Stadtforum*, nº36, junho de 1999.

ENKE, Roland, “Missed Opportunities?”, in *Der Potsdamer Platz, Urban architecture for a new Berlin - Urbane Architektur für das neue Berlin*, Berlin: Jovis, 2000, pp.29-45.

FRICK, Dieter, “Berlin, aménagement urbain entre hier et demain”, *La recherche sur la ville en Allemagne – Actes des journées franco-allemandes du PIR Villes*, Paris :: CNRS éditions, 1996, pp.63-75.

_____, “Pour une utilisation de la ville contemporaine comme support et modèle de l’urbanisme publique”, in DUHEM, Gilles, GRÉSILLON, Boris et KOHLER, Dorothée (coord.), *Paris-Berlin, regards croisés*, pp. 172-176..

GARCIA VÁZQUEZ, Carlos, *Berlin – Potsdamer Platz, Métrópoli y arquitectura em trasição*, Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2000 (Colección Arquithesis n.7).

GRÉSILLON, Boris, *Berlin métropole culturelle*, Paris : Belin, 2002.

HÄUSSERMANN, “Transformations socio-spatiales à Berlin: une évolution entre permanence et mutation”, in DUHEM, Gilles, GRÉSILLON, Boris et KOHLER, Dorothée (coord.), *Paris-Berlin, regards croisés*, pp.133-156.

_____ e KAPPHAN, Andréas, *Berlin: von der geteilten zur gespaltenen Stadt? Socialräumlicher Wandel seit 1990*,

leske+budrich, Opladen, 2000.

HOFFMANN, Hans Wolfgang, “Generator of Civility. How Berlin plans to upgrade its social centers”, in *Stadtforum*, nº36, junho de 1999.

Internationale Bauausstellung Berlin, 1987, Berlin: IBA, 1987.

KIEREN, Martin, *Neue Architektur. New Architecture – Berlin 1990-2000*, Berlin, jovis, 1998

KOOLHAAS, Rem, “The City: Construction, Re-construction, De-construction” (Berlin to Singapore), in VV.AA, *Risiko Stadt, Perspektiven der Urbanität*, Hamburg: Junius Verlag, 1994, pp. 102-110.

KRÄTKE, Franz, “Berlin: métropole tertiaire ou espace de production en deshérence?”, in DUHEM, Gilles, GRÉSILLON, Boris e KOHLER, Dorothee (coord.), *Paris-Berlin, regards croisés*, pp. 79-112.

_____ e BORST, Renate, *Berlin. Metropole zwischen Boom und Krise*, leske+budrich, Opladen, 2000.

Pas à pas. La rénovation urbaine douce à Berlin-Kreuzberg, Berlin : IBA, 1987.

Premiers projets en vue d'une rénovation circonspecte, Berlin : IBA, 1984.

RENARD, Vincent, “Pour une politique foncière et immobilière intégrée”, in DUHEM, Gilles, GRÉSILLON, Boris e

KOHLER, Dorothée (coord.), *Paris-Berlin, regards croisés*, pp. 177-189.

SCHULTZ, Bernhard, *The Reichstag. The Parliament Building by Norman Foster*, Munique, Londres, NY, Prestel Velag, 2000.

SCHWEITZER, Eva. *Grossbaustelle Berlin, wie die Hauptstadt verplant Berlin*, Berlin, Ullstein, 1998.

SEWIG, “Heart, Artificial Heart or Theme Park?”, in *Der Potsdamer Platz*, cit., pp. 47-58.

STRIEDER, Peter Strieder. “Berlin, City of the futur?”, in *Stadforum*, nº36, junho de 1999.

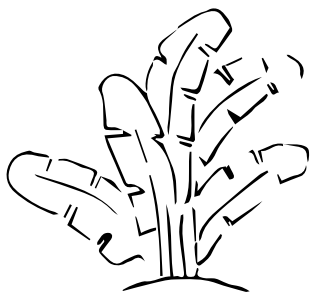
SZAMBIEN, Werner, *Berlin, une ville en suspens*, Paris : Norma, 2003.

WELSH-GUERRA, Max, “La révolution urbaine à Berlin depuis 1989”, in *La recherche sur la ville en Allemagne – Actes des journées franco-allemandes du PIR Villes*, cit., pp. 77-93.

WILDEROTTER, Hans, “Outside Potsdam gate”, in *Der Potsdamer Platz*, cit., pp.9-27.

WISE, Michel, *Capital Dilemma. Germany’s Search for a New Architecture of democracy*, N.Y., Princeton: Architectural Press, 1998.

z. B. Berlin. *Zehn Jahre Transformation und Modernisierung*, 1990 bis 2000. Berlin: Foyer, 2000.



Este livro foi composto
nas fontes Literata e Work Sans
em agosto de 2023.